

CRÔNICAS ABERTAS

Poemas



Foto: Kjunstorm

Paulo Sérgio Rosseto

PAULO SÉRGIO ROSSETO

CRÔNICAS ABERTAS

Poemas

1ª Edição

**Porto Seguro / Ba
PSRosseto
2018**

*Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.*

*Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.
(Cecília Meireles)*

Dedicado a todos os que comigo
Compuseram estas Crônicas Abertas
Em forma de preciosos Poemas

A NATUREZA DAS COISAS

Do que é feito de olhar aflora
De chuva molha
De papel queima
De oração ora
De novidade anima
De persistência teima
De proteção anjo
De arco-íris cora

Do que é feito de bronze zune
De madeira cerra
De lata tini
De água escorre
Mesmo o que é de ferro fura
De afeto alenta
De arte coaduna
De astúcia fere
De conveniência assenta
De vertigem adere
De alento espanta

Tudo é feito da mistura intrusa
Da generosa dádiva e causa
Da natureza dilza

ESSÊNCIA

Existe dentro da gente
Um canto que às vezes entoa
E em outras emudece

Quando entoa encanta
Mas quando cala, fenece

Se regozija comemora
Senão, aquieta num canto
Mas nunca vai se embora

- Ei, silencia!
Talvez você consiga
Ouvir sua essência

ENVEREDO

Hoje trabalho
Assim dissolvo meus dilemas

Descanso
Então refaço os desvarios

Provoco
Descubro soluções

Desafio
Encontro mais alternativas
Para garantir iniciativas novas

Amanhã enveredo

Complemento toda a espera
Substituo resolvidas provas
Certamente por mais problemas

VIAJAMOS

Na rua tão estreita
Só uma câmara espreita
E registra o que acontece:
Rastros quase apagados
De alguém ter ali passado
De ninguém estar ali presente.

Talvez qualquer hora volte
Ou possivelmente nem venha.
Se voltar captará a imagem
Se não vir ficará intacta
A cena da rua deserta
De um filme sem interesse.

São assim as emoções
As saudades e os pensamentos
Que gravamos na memória
Do tempo que não retoma.
Viajamos sempre indo embora
No vai e vem dos momentos.

ALENTO

Ronda a morte qualquer corpo
Precisa ela que alguém morra
Que algo termine ou se acabe
Sem importar-se em ser feia ou bela
A face daquilo ou de quem morre

Tentamos mensurar o tempo
Impetuosamente medir a idade
Prorrogar o prazo, a validade
Da frágil matéria que utilizamos
Disfarçando as marcas da realidade

Entretanto ainda que insistamos
Conservar intacta esta plataforma
Enfrentamos pasmos desafiando a hora
Que chega o fim e leva embora
Tudo e o todo de toda forma

O que alenta é que há sementes
Mudas, sêmens, óvulos, polens
Maneiras que refazem da dura sina
A vida brotar intensa e nos lembrar
Que a morte mata, não extermina

ERMITÃO

É tua esta lua que mandei fazer
Por tese redonda e nas demais fases
E o que fazes para vê-la tê-la merece-la

Tua esta plácida relva
Esta viçosa selva todas as colinas e jardins
E por onde andam os teus olhos que não sabes distingui-
las

Incendiei os astros acendi as estrelas
Abaixo e acima das nuvens densas e raras
E como consegues ignora-las nem percebe-las

Aprendeste a fazer tuas casas
Criaste asas abriste trilhas e estradas cercastes os
quintais
E até hoje não aprendestes ir

Pintei esta magnífica tela
Com cores sabores cheiros e encantos de terra
E lidas com ódio e provocas guerra por ela

Este solo e a carreira que te elabora
Não condizem com o império que te fiz
Escondeste esta certeza toda unicamente por prazer

- Eremita por que então te isolas?

OPORTUNIDADES

Sempre haverá um dia recomeçado
Alguma notícia mais recente
Um caminho próprio novo
Conexões seguidamente amáveis
Uma ideia que reluz e inova
Desmesurados saberes que ensinam
Alentos que revelam e renovam
Amizades e amores reanimados
Expectativas seguras, estáveis
Sentimentos profundos, sinceros
Fatos que perpetuarão irretocáveis
Momentos que partilham e acrescentam
Passeios por recantos inesquecíveis
Sonhos e devaneios paralelos
Recortes e retalhos apropriados
Ventos que retomam as rotinas
Viagens por atalhos improváveis

A todo tempo inauguramos oportunidades
Ou desistimos feito chafarizes desligados
Eixos sem hélices, movimentos sem espaço

Sabe, viver é uma farsa em duas vértices
Ou vai-se à frente ou perde-se o passo

OS MEUS POEMAS

Os meus poemas saltam a página do *Word*
E vagam pelas redes buscando olhos sorrateiros
Que os levem para algum íntimo displicente
Esquecido aberto como vidro de janela
Por onde possam adentrar singelos
Tomando de assalto sensíveis almas
Que concentram o discurso e admiram a arte
Da chuva e sol, pingos e bolhas
Habitantes virtuais de qualquer frase dita
Debaixo das surdas linhas de uma tela
Numa plataforma qualquer azul ou amarela

Tenho mais do que preciso para compor:
O pão de cada dia sobre a mesa me é farto
A água que me lava os pés, escalda as dores
Traz o conforto da prudente sorte
A sabedoria que no momento alenta
Enche a pia e a cama de alegres cores
Na simetria que propicia a solidão do afeto
E os meus rascunhos desenhados entre estrofes
Saltitantes pelos dedos e o teclado
Encenam um idealizado e indefinido palco
Os capítulos que me acentuam a mente

E inconsequente quando não escrevo
Torno-me amorfo, indeterminado e quieto
Pois não tenho outro vício senão este
De desprender meus versos como se despega um filho
Se entrega um brinde, faz-se um sorteio.
Empreendo justa a ilógica tese de fazer poesia
Pelo único presunçoso propósito:
Reverenciar a palavra ideal e o meio
De fazer-me útil entre o linho e a linha

Que separa a realidade e a utopia
Que enobrece o vinho e fenece a vinha

OPERÁRIOS

Encontre as tuas próprias águas
Aqueles que sejam dignas de formar teu rio.
Valorize tuas nascentes
Os olhos que vertem as cristalinas gotas
Para no percurso formarem cachoeiras
Vertedouros, bacias e surpreendentes baías
Entre os maciços e morros e no entorno
Saborosas beiradas de areia.
Aprende acolher em teu peito
Os aventureiros e frágeis riachos
Que despreziosos salpicam das veredas
Para dentro de teu leito aninhar e dormir
Como se houvessem encontrado os próprios mares.
Tenha calma nas curvas com a correnteza
Bate firme nas pedras sem machucar o encantamento
Sem denegrir a natureza ou represar os sentimentos.
Embarque teu veleiro
Singra enquanto há calmaria e vento ameno
Respeitando as dores das matas ciliares
Entendendo os inaudíveis sons das certezas
Ciente de que a vida é a viagem
Que fazemos refazendo como simples
Operários da divina beleza.

FIRME E SEGURO

Não deixarei de viver
Simplesmente porque a morte
Insiste em roubar-me os anos
Diminuir meus dias
Reverter meus planos

Por ela beberei sem remorsos
Saltarei minhas lágrimas
Jantarei regularmente
E vou dormir sereno
Sem pressa e mágoas

Ainda que a mente esclerose
E os movimentos sejam parcos
Não desejo apoitar meu barco
Em porto firme e seguro
Longe do turbilhão das águas

Pois não é assim que aprendi
Senão o destemor e a persistência
Daquilo que sou por merecer
Adaptando-me à aventura
Desta breve existência

O único cuidado que tomo
É adiantar as escritas
Dos versos iludidos com as penas
Da vida que me é furtada
Mas não dos meus poemas

SAÍSTE PEREGRINO

Porque saíste, aprendiz, peregrino
Milênios afora em viagens cominadas;
Porque andaste os cinco montes
Nos desertos da alma desertora;

E aprendestes vislumbrar por nada
Os percalços da aridez solidária
Nas colunas da sobriedade
Nas vicissitudes das solitárias dunas
E nos anseios foscos da humildade;

Nas vigas ocas da retidão, vigilante
E sabedor das regras apreendidas
Nas leis do teu árduo ofício;

Porque aceso está o cerne nas bordas e pontas
Da magnânima fumegante estrela
Na labuta, lide, meta, anseios em tuas veias
Batuta maestra que rege esta inefável orquestra;

Entre os fios da prata da espada
Dos cinco instrumentos ímpares
Da construção do teu edifício

- Na régua da exatidão desmedida
No círculo exato da tua essência
No lábaro veredito da caminhada
E em tudo que concerne o anteparo
Da pedra por fim esmerilhada
Em seu compasso medianeiro...

Segui, pois, companheiro
Onde tua vida é tua própria guia

A retilínea jornada
Não nem nunca solitário
Mas em tua única e serena companhia!

DOCES DOSES DE POESIA

Espalhe as flores do jardim
Pelos vasos da tua sala
Sobre a mesa de jantar
Em cima da cristaleira
No armário do banheiro
Junto à televisão
No alto da prateleira
Colado ao criado-mudo
Perto do computador
Pela cama e o travesseiro
Na rede da varanda
Nas mechas dos teus cabelos
Pelas frestas e janelas

Assim tudo estará florido
Perfumado cheio de cores
Nas abas da tua saia
No laço em teu pescoço
No doce olhar das tuas tardes
Na alegria das tuas falas
Nas lingerie e vestes, toalhas
Na nudez dos teus lençóis
Nos brincos das orelhas
Nos quadros das fases
E em tudo o mais que enfeita
Tua voz e teu silêncio
Tua vida e os teus amores

Verás que as flores por fim
Enriquecerão tua vida
Afugentarão teus males
Dispersarão tuas dores
Renovarão os teus ares

Ainda que a solidão
Seja a tua companhia
Despetale tuas rosas
Espalhe-as por toda a casa
Depois contempla tua obra
Entre polens talos folhas
E doces doses de poesia

MEU POVO

Olhando do prédio adivinho
Meu povo passar na alameda
Cheia de pedras soltas nas ruas
Degraus repentinos feito abismos
Piso escorregadio nas calçadas
Sem qualquer porosidade onde pisa

Vagam a sola e a sandália
Entre o asfalto, o chão e o vazio
Passam a passos tortos
Por onde não deversem seguir
Seguem tontos, cegos
Tateando os pés pelo solo
A esmo, sem rumo, a ir

Entrevejo impertinente a plebe
Ater-se a desviar de postes
Placas, poeira, árvores, carros
Tapumes, cocô de cachorro, chorume
Espalhados na correria da insanidade
Ignorando que as avenidas
Cansaram-se da displicência
Dos reclames da Cidade

E sobre a beira da laje
Indiferentes surdas formigas
Perdidas feito gado em riste
Ignoram as aragens disformes
Nivelam suas trilhas com as patas
Sedimentam os caminhos e o destino
Imitando minha gente passante
Estafada de tanto andar

REFÚGIO

Silencia os trovões à volta
Desliga teus raios abjetos
Incandesça somente as partículas
Das luzes particulares
Dos colares que adornam
As faces cerradas e ocultas
Das tuas vontades loucas

Elimina assim das gavetas
As roupas que adornam
Tua amálgama revolta
Na prata das desesperanças
No agouro das incertezas
Na tradução dos olhos rasos
Das razões das tuas contendas

Veleja teu momento ímpar
Crente por entre as ondas
E à beira da restinga
No refúgio da costa âmbar
Espreguiçada no oceano vesgo
Quando entorna os mangues
Desarranjados às vezes
Vergados com a sorte
Sem algas e nem norte
E perspectivas de ordem

Mas nem sempre é o mar
Essa garganta voraz
Devoradora de foz
Ainda que por si mareia
Debaixo do nariz
Tudo se reanima e refaz

No continente vasto
Daquilo que nos instiga
Reavivar idos castelos
Feitos de água e areia

AQUILO QUE EU NÃO QUIS FALAR

Tem dia que não se quer poesia
Verso, rima, estrofe, poema, papo, trelelê
Talvez uma leve reflexão pra que não se perca o
costume
De rever silenciosamente a conjuntura da voz
Sem aviltamento ou recusa da livre arte de pensar.

Na ultima noite estive assim, sem qualquer emoção.
Não quis política, nem quis cantar nenhum avesso
Apenas deixei largado efervescer e fomentar
Essa seiva vermelha que viaja sórdida nas veias
Como alguém que descansa um copo num balcão de
bar.

Sentir também é uma obra que resume a aridez
Os impasses e as sórdidas impurezas da alma.
Conheço as profundezas dos desafios e descobertas
E o respeito da carne a tudo que se interpõe à natureza.

Renuncio portanto em pedir o perdão da palavra
Ainda que o único medo que sinto da vida
Seja o do fio de corte da faca da minha estúpida língua
Por tudo o que diz aquilo que propositalmente eu não
quis falar.

ESSENCIAIS

Somos capins de beira de estrada
Destes que curvam com os vorazes ventos
Da tua perversa velocidade
Mas quando assim nos reclinam
Deitamo-nos junto às flores meninas
Que conosco convivem no prado
E nos fartamos destemidos
Plenos de felicidade

E com elas assim estirados
Entremeio às pedras do asfalto
Rimos da tua desvairada pressa
Bailamos ao som das cantigas
Dos pneus cegos que te voam
Fazemos firulas com o ronco
Do teu motor ágil vibrante
E descansamos enraizados
Ao pé das campinas
Não frágeis nem marginalizados
E sim robustos ainda que rotos
Porque de nossos macios brotos
Nascem tuas verdejantes colinas

Margeando enfim os essenciais caminhos
Apascentamos os passos do andarilho
Camuflamos grilos e centopeias
Acalentamos as lagartas preguiçosas
Trocamos o puro oxigênio das teias
Contemplamos as estrelas no ápice das trevas
Saboreamos o orvalho nos pelos
E os raios do dia que nos despertam

E ainda que tuas lâminas e o fogo
Consumam nossos frágeis talos
Somos capins de beira de estrada
Ressurgimos das cinzas cruas que nos alimentam
Revigorando as paisagens da tua jornada

NO PAÍS ONDE MORO

No país onde moro
Tudo é incrivelmente notório:
Todos choram de alegria
Locupletam-se de bondade
Esmorecem de emoção
Relaxam com a extrema candura
Amofinam-se de intenso amor
Esbabacam de paixão
Afrouxam de felicidade
Derretem de benevolência
Intrigam de generosidade
Amolecem de gratidão
Amuam de tanto rir
Enfadam de bonança
Desolam de tanta fartura
Entristecem-se de apaziguados
Escaramujam de galhardia
Agitam de benquerencia
Adoecem de mansidão

E arreados de otimismo
Morre-se momento a momento
De extremo prazeroso altruísmo
Venturosa fraternidade
E infável contentamento

Tudo está portanto translúcido
No estado de espírito
Daquele país tão bonito
Onde todos tem o hábito
De imaginar a mesmice
Da peculiaridade que se tornara
O mundo em que se convive e acredita

E interrogam - por que egoisticamente
Apenas eu o habito?

ORA SEMPRE COMIGO

Ora sempre comigo
Unicamente aquilo necessário
Porque o Senhor já aguenta tanta troça
Que seria deveras injusto
Declinar-Lhe o breviário inteiro
Pela simples tola mania de rezar
Apesar de quão desumanos
Por vezes conseguimos ser

Nosso Pai permanece envolto
Em seu interminável projeto de eternidade
Redefinindo nossos mundos
Concentrado em traçar Suas linhas atemporais
Esmerilhando a formula de vida
Confidenciando à Trindade
A grandiosidade da própria obra universal
Apesar de quão desumanos
Por vezes parecemos ser

Deveria nos bastar que Ele fique aqui
Tão junto a nós, assim próximos,
Para que nos sintamos por natureza confitentes
Peremptoriamente protagonistas de Sua glória
Confortavelmente amparados e capazes
Do merecimento Dele habitar em nós
Apesar de quão desumanos
Por vezes insistimos ser

Não atrapalhemos portanto Deus
Com as impurezas que nossa indignidade
Não consegue resolver
Muito menos O incomodemos
Com as obliteradas lamentações

Pelo que não dispusemos compor
Manter ou conquistar
Em razão da nossa preguiça em fazer
Ainda que tão humanos
Por vezes tentamos conseguir ser

ARTEIRO

Colhi de um singelo canteiro de praça
Aveludadas pétalas e esguias ramas
Quem sabe também tão cheias de densa ansiedade
Por deitarem-se suaves na palma de tua mão
Morar entre a graça serena dos teus dedos leves
Que acolhem por safira uma pedra rara

E rosas brancas, vermelhas, amarelas
Agrupadas em buques em teu abraço calmo
E jasmins e hortênsias e orquídeas nobres
Margaridas e dengosas violetas de rua
Roubadas ligeiro da flora de agosto
Para fabricar alegrias e enfeitar as janelas
Desenhar teu corpo e os quintais da alma
Que contempla, recobre e perfuma teus braços

Sou esse serviçal catador de folhas
Rastelando entre sílabas secas e versos soltos
Atrás do tempo enquanto me resta a sede
De versejar a vida feita de escolhas verdes
E antes que finde o inverno e a primavera desça
Continuo feito saúva carregando flores
Pra dentro da completa íris dos teus desertos
Porque sei que isto acende teu riso e serena tuas horas
E te tornas jardim de aroma e cores
Brincando na relva carpida de corpo inteiro
Molhada de contentamento pelo miúdo orvalho
Que te ampara, deseja, viceja e atura

Porque em setembro terás tanta fartura
Que esquecerás de mim, teu menino arteiro

DEPRESSÃO URBANA

A depressão urbana
Não vai a noite à praça
Não passeia pela calçada
Não traz a seresta nos dedos
Nunca solta a voz
Não suporta a sombra
Teme o samba
Reserva-se da madrugada
Esconde os fantasmas
Dorme o fim de semana

Desconexa os novos rumos
Não reza medita ou se benze
Até brisa apaga seu incenso
Ninguém vê que não ri
Não se ouve seu surdo
Não canta nenhuma cantiga

Rebelde e só
A depressão urbana
É maçã sem perfume
Revolve-se nesse abscesso
Nessa demência, nesse reverso
A rigidez do absurdo não se suporta
Triste arquitetura que não se entende
Estraçalha seu avesso mambembe
E somente esse estado de morbidez
Arrasta, deprime, destroça sórdida
Pisa, caça, arrasa e a lambe

As cidades angustiadas erguem tanto
Que deprimem sua gente lépida

Em condomínios imaginários
Que as desfazem cidadãs

BRINQUEDOTECA

Velhos brinquedos amontoados
Faltando asas rodas braços cordas
Empoeirados sem cores
Mas ainda mantendo pilhas vivas
De prazeres encantoados
Encantados entoados
Cantados catados

Raros e abençoados momentos
Recolhidos pelas mesmas mãos que brincaram
Guardados agora no interior das lembranças
Na brinquedoteca da sala das liturgias
Num quarto de vida
Entre caixas e gavetas do depósito
Em caixotes canecas copos bacias

Brinquedos de pau plástico pedra papel
Arame enferrujado sem cobiça
Alguns milagrosamente inteiros
Não menos brincados mas intactos
Porque nem tudo se quebra ou esvai
Ainda que use abuse conserta-se distrai

Há um indizível cordão que os prende e interpõe
Amarra um ao outro por novelos e nós
Com eles foram construídas estradas cidades famílias
Fazendas casinhas cozinhas estádios circos escolas
Indefinidas certezas de que tudo é possível
Desde ontem até hoje e após

LAMENTO

Lamento pelos que ainda a aplaudem
Não renegam teus atos e acolhem as sandices que
decretas
Que se debruçam e pactuam contigo sobre o visgo que
amordaça
Que obrigam que se desfile em fila e marchem cegos
Que se siga sob o perverso e o descabro
Desalinhados sob as intempéries e o desalento

Não é este o vento nem o cantar da aurora que almejo
Porque não se questiona nem protesta, apenas vão
Acolhoados às divisas que fingem entrever
Ainda que sentem que usurpas, contaminas com
escarnio
Mas o que é a troça senão
O fato de tripudiar sobre os sonhos
E a sede de quem apenas pede

Tenho vergonha pelo respeito que perderas
Como feiras desertas ou salas às traças
Sem ideias, lógica, de planos partidos, sem regra
Desapropriada de quaisquer sentidos caprichosos
No passar dos dias, no perder da massa
Onde tudo se esvai, dilui, entorna, desagrega

Quando a ordem entretanto serpentear teu andor
E deparar tua pobre face podre sobre o espelho
praticável
Espero que sintas desconfortável, ridícula
O quanto estás nua, sem ética, desumana, solitária
Porque verás as joias que costumavam brilhar, opacas
As insígnias que a reverenciavam, decompostas

E os aventais dobrados ao meio
Desafiando o teu nefasto despudor

UM TANTO DE MIM

Estou ensaiando escrever as minhas memórias
Mas lembro-me tão pouco de tudo

Apenas que havia ruas sem calçadas e vastos nacos de areia
Por onde saltava descalço para não empoeirar as ideias

Mangueiras imensas que sombreavam formigueiros
Com galhos repletos de ninhos amplamente habitados

Porteiras às vezes abertas por onde escapavam os temerosos sonhos
Conversas e cumprimentos entre uma barranca e outra do rio

Capins e flores rasteiras, quiçaça, cheirosas goiabas maduras
Guavira, guariroba, ipês, angelim, manjeriço

Mãos que acenavam dizendo vem – nunca de adeus
Corais de insetos, aves e animais que se recolhiam por nome

Buscava a forquilha perfeita para um bom estilingue
E pedaços quaisquer de corda ou condão para armar arapucas

Não sentia fome, nem sede, nem esperança de crescer
Apenas a qualquer hora e momento uma irresistível vontade de pecar

As casas eram pequeninas, grande o tamanho dos dias
E os dias eram maiores que o ar que respirava

Não havia rastros, seguia apenas exemplos
Sem guias, cabrestos, rédeas, normas, leis, ordens

Estou tentando explanar minhas lembranças
Mas sinto que as esqueci guardadas por entre folhas no
chão

Será imensamente mais fácil perguntar a você
Quem sabe um tanto de mim

METADE DA ÁGUA DOS MARES

Metade da água dos mares é lágrima fútil
Outro tanto saliva dos escárnios no mundo
Assim vontade e desprezo liquidificam-se
Distraíndo as levadas por embates profundos
Lavando as honras em maré fértil

Por isso suspiram avivadas as incertezas
Resguardando em trincheiras os continentes
Apartando as milícias aos milênios
Cumprindo os íntimos sinais da natureza
Reformulando a seu modo tempo e cotidiano

Seres blindados optam chorar sem molhar as areias
Desconhecem a convergência das comoções
Não trazem no pranto essa gênese avara
Nem provocam as marolas e as tempestades
Não vivenciam as delícias das ilusões

Eu loucamente quando choro revolvo oceanos
Com a futilidade dos meus desenganos e paixões

ENTRE A PELE E A MEIA

Quantos apelos há entre a pele e a meia
Serena seda que recobre a perna
Encanta os poros, esperta os olhos
Aveluda o tato, arrepia a penugem
Traz volúpia, seda os lábios
Navalha a carne, orvalha a alma

Tanto veneno está nesta candura rara
Que divisa a faixa, apreende à teia
Reaviva as margens, festeja as bordas
Margeia a taça, absorve a brisa
Rosa macia de pétala farta
Amordaça o senso, incandeia

Magna estrofe, carinhosa vasta
Mansa e plácida cheirosa lua
Tens a malícia sedenta exposta
Da serena vontade de mergulhar às cegas
Na onda abrupta entre o mar secreto
E a enxurrada arrítmica da vaga nua

RESTAURAÇÃO

O altíssimo soberano - aquele que nunca dormiu
Envelheceu desconhecendo o sono
Cochilando apenas recostado à necessidade
De manter-se peremptoriamente acordado
Partiu solidário para longa odisseia
Antes que o caos retomasse o infinito

Assim reimplantou moradas entre quintais
Presas às balaustradas e cercas dos caminhos
Junto aos pomares à beira dos frágeis riachos
Cujas águas inquietas e rasteiras
Voltaram seguir em busca dos sonhos
E das inconstâncias dos oceanos

Vigiou os conceitos das plataformas
Erguidas à procura do destino ideal
Mantendo-se atento aos mínimos gestos
Dos astros no macro espaço entre as esferas
Que circundam e orbitam os planetas
Diante das plateias angelicais

Resguardou o porvir de todos os povos
Recolhendo as possibilidades do desprazer
Eliminando as desventuras da realidade
Convencendo a natureza de que é preciso
Tão quanto necessário e premente
Zelar atento aos ditames dos céus

Soldou os hemisférios circundando os mares
Realinhou as geleiras nas montanhas verbais
Reposicionou novamente todas as espécies nos habitats
Intercalou com noites os claros do sol nascente

Retornando a espera pelo amanhã e depois
O sublime exercício nato da paciência diária

Aí sim ao final da estanque tarefa de restauração
Na manhã do bilionésimo milênio ou algo assim
Contemplando a morada completamente refeita
A missão cumprida e finda a jornada em seu jardim
Descansou por sete dias em sono profundo
Num belo domingo como humano e não deus

PROVÉRBIOS

Mercador de sentimentos e provérbios
Rebusco palavras aos quilos
Desde as formosas às peregrinas
Das pequeninas às mais intensas
Refinadas, densas, sublimes, enciumadas
Palavras ditas impensadas, que pesam
Quantas vezes necessário

- Subliminares, divinas, necessárias
Insossas, complexas, inclusive mal ditas
Trucidadas pelas intenções
Espetadas em frases desconexas, gaguejadas
Impronunciáveis, malfadadas, semitônicas
Moduladas em versos empíricos
Recolhidas dentre as mais pudicas sílabas
Recheando frases oclusas, pareadas
Em todos os dialetos e idiomas

Compro-as enciclopediadas ao atacado
Em arquivos e livros empilhados feito containers
Com acentos ou débeis recontos desprovidos
motivacionais
Onde não se assenta nem se acentua mas significam
pelo fim
Destas que os cancioneiros compõem os seus temas
E as amas sussurram às crias sob o silêncio do sono

Palavras incandescentes, próximas ou distantes
Das que resultam das experiências dos pensamentos
singulares
Pluralizadas, grafadas em papéis doentes, ou banhadas a
ouro
Incautas, redistribuídas por fictícias pautas, pausadas

Confidenciais, manuscritas, acondicionadas em
compêndios
Históricas, atenuadas, presentes, absorvidas na leitura
E as animalescas vomitadas pela hermética da ira

Também as sinônimas e as justas à razão
Que repreendem e até mesmo humilham
Que perambulam entre a escória e o fedor
Alvejadas, cansadas por não terem sido tão ditas
Propaladas, preparadas para o ludibrio
Impressas, impregnadas da razão cautelar
Compiladas em extensas teses expressando o obvio
Ou díspares monossilábicos que insinuem guerra e
barbárie

As catalogadas pelos sábios, doutos pensadores e nos
tribunais
Rebuscadas na intrínseca genialidade na verve dos
oradores nos sublimes púlpitos
Vistas nos conceitos e preceitos das bulas morfológicas
dos senados
Desapercebidas e desapropriadas nas ocultas entrelinhas
contratuais
Sistêmicas, conjecturais, carnavalescas, infectadas de
adjuntos
Preconceituosas, carnais, comichadas, úmidas, secas,
engolidas
Aficionadas por antagonismos, sem rumo e rimas
Bem aventuradas, apocalípticas, consonantes, adverbiais

Não somente as negocio sem sentimentos
Mas oferto-as labiais, transigentes e lapidadas
Não as capto ou sirvo como molécula e matéria
Elas sim inocentes me tomam rasteiras
Espumam entre a saliva, a língua, diafragma e dentes

E se fazem prediletas nas infinitas orações
Presentes deste universo racional que tudo fala
Ainda que emudecidas calem os horizontes
Desde sempre, amanhã e ontem semeadas

Sim sou mercador de sentimentos
Por onde intransponível a insensatez escorre
Negociador nato de provérbios e nesgas palavras
Enquanto se respira e ora pelo cálice, o acaso e o agora
Porque ornarão o espelho da indizível lápide
Do dorso um dia frágil que a seu tempo morre

TEIMOSIA

Morto o dia não entende que findara
Cai teimoso voando atrás do fuso
Fugindo das sombras afiadas no lusco-fusco
Confuso flanando no enlevo veloz a oeste
Vendo adiadas as suas findadas horas

Dá conta de si mesmo somente
Onde nas colinas do ocidente os vigilantes
Fazem soar as justas pancadas
E o universo disperso das farfalhas
Faz com que o dia quedo ainda torto
Se reinvente nos quadrantes do mundo
Mudando a forma e o calendário

Eis que até os sábios cerram os olhos e se calam
Ante as atrevidas impertinências do período
Desalmado da luz que se esvai

É quando nada mais se ouve nem se sabe
Em qual vasilha este ciclo caberá
Se dentro apenas do invólucro da terra
Ou fora do amanhã que se distrai

À SOMBRA SOB OS OLHOS DE DEUS

Há noites que a fronha
Desentende-se com meu rosto
E a cama e seus lençóis
Giram em torno das borboletas
Estufando de fantasmas
O bojo do travesseiro sem ar

Eu permaneço ali
Como um lago imóvel decantado
Descartando alternativas e possibilidades
De não dormir
Como se a revolta das coisas não fosse comigo

Assim faço todos os dias
Quando o carro não liga
A lâmpada não acende
O fio não conduz, o café não coa
O caminho não chega
A cola não adere
A carne não assa
A chuva não molha
A roupa não seca

Talvez seja eu somente
Um vazio banco de praça
Um meio fio de esquina ou poste desnecessário
Sem nada mais dependurado
Esticado em varal
Quarando à sombra
Sob os olhos de Deus

TRANSITÓRIO

Fascina – mas calma
Não deixe que o coração amordace
O que tua palma ressentente
O que tua luz desconhece
Daquilo que te anseia e apetece.

Procura pois na mesmice
Entender tua parda rotina
A causa do pus que te inflama
O peixe que retém tua isca
A física dor que te amola
A esmola que a vida te encima
Abrasa e te põe intranquilo.

Serena – no entanto amplie teu lastro
Conhece-te idôneo, viril, resiliente
Apura o que induz ao apupo
Encaixe o obvio ao efêmero
Ao que condiz transitório
Intocável, extremo, transitivo.

Porque da alma o que soçobra
É só o que o remédio não cura
E a obra que se depara
A tudo que se depura
Ao vinho que se degusta
E ao vento que te segura
Da sede que te resguarda
Da vida que te assusta.

VÉSPERAS

Anjo amado que me guarda
Embainhai vossa espada
Pelo dia santificado
Ficarei quieto em casa
Exercitarei o jejum
Rezarei o officio das doze
Verei dois filmes com os meus
Não irei pedalar nem a caminhada
Tomarei banho morno
Não gastarei risos nem lágrimas
Permanecerei de ouvidos moucos
Aos possíveis rumores da rua

Muito festejei de véspera
E de tudo me resguardara
Descansai pois anjo bom
Nenhum mal me aguarda
Se morrer será unicamente
Na irrestrita medida
Do vasto amor que me espera

UM OSSO EXPOSTO

Bem próximo às minhas mãos
Existe um poço seco
Onde por vezes escondo algumas manias
Como qualquer outro dia
E ali deposito aventuras e medos
Observações, melancolias, dores e usuras
Perigos e frustrações
Possibilidades, feridas mal curadas
Adagas enferrujadas
Cáries não obturadas
Restos das unhas que roo
Sebo que arranco dos olhos, cravos
E sílabas impronunciáveis
De inúmeras frases truncadas

Sempre retiro a água do meu fosso
Porque não desperto nem afogo
As mágoas das minhas afiadas lâminas
E provavelmente desminto os fantasmas
Remediados que atormentam
A conveniência da alma e do destino
Convertendo o incômodo avanço
De tudo que apreço, aprendo e apregoo

Falível, sou parte desta sociedade
Que devora o presente
Mas não se sente doente
Por ter uma tarja nos olhos
E um osso exposto

SAGA

Nuas

Três lagoas ardem no ermo da noite de junho
E perambulam no frio das avenidas
Cantam, uivam, bradam, clamam
Inacreditável latejam enfeitadas
Festejam, se juntam e se espalham
E inflam, e orvalham suas relvas

Onde começa a madrugada
Dois rios apaixonados ali copiosos
Aguardam ansiosos em seus leitos
Que elas meninas tragam suas seivas
Neles se deem e aninhem
Sosseguem o desejo em vertentes
E misturem as próprias águas
Lambuzem e beijem as ondas já sem margens
Renovando a vida e seus saís
Cruzando pernas e braços
Unindo as bocas abertas
Sedentas no cio

Copulam sem pausa em sinfonia
E quando o sol vem
Navegadas, retomam suas poças
Delicadamente ensopadas de vida
Cheirando a taboas
Remoçadas e cantantes
Aquecidas, refeitas
Rindo das nuvens
Refletindo os raios do dia
Absolutamente intensas, fartas e fecundas
Por onde capivaras e tuiuiús pastam
Junto ao povo que descuidado as circundam

Erguendo nesse entorno circular
O ciclo da própria historia

BELO

Agora que a noite entrelaçara os teus dedos
E desvendara os segredos
Do outro lado da sala
Descansa, dorme, flana, voa
Contempla a verde terra que tanto lavrara
Os riachos mansos
As campinas calmas
As amarelas flores do Guaraçai
Em cuja ampla sombra tantos anos brincara

Brinda com os anjos, continua as estripulias
As mesmas que alegravam
Nossos sonhos e dias
Aperta as mãos dos Nonos
Puxa a saia da Mariquinha
Foge do Arlindo
Esconde a botina do Lico
Apaga o cigarro de Valério
Beija a face da Tina

Abençoa com eles nossa rotina
E nos conta se o céu é belo
Se o céu é belo
Por quê é belo

A DOR DA HORA DA MORTE

A dor mais desnecessária
É a da hora da morte
As demais ensinam a viver
Amar, proteger, buscar, crescer
Encontrar o caminho
Refletir interminavelmente.
É diferente de sofrer
Com a intensa geleira
Que revolve os porões da alma
Também não significa
Desapropriar-se do amor esvaído
Quando o coração não desapega.
A paz escala as mais altas torres
Nas sabidas valsas de adeus
E não há munição nem tecnologia
Capazes a dimensionar a inteligência
Dos peitos castigados em ebulição.
Entretanto em meio a tantas provações
Os corpos reagem às guerras diárias
E se acostumam a reinventar a ordem.

Todo o animado deve a vida
À luz da ilusão de ser eterno
Mas nunca se pode fazer quanto ao fim
Da dor da hora da morte.

AMIGA

Amiga, tens o fino sabor frutado de tâmaras
Tangerinas, ares das montanhas de Bourbon
Pêssegos do Sul
Misto de maçãs e as fartas uvas bordô
Das roxas terras da colina
Borbulhantes taças em cristais
Translucidas de desejos

Pela manhã dei-te poemas
Devolveste os olhos de Martin Brest
Chris O'Donnell, James Rebhorn, Gabrielle Anwar,
Frank Slade
All Patino, Por Uma Cabeza
Gardel, em Perfume de Mulher
Nas cordas de Katika Illényl

Entre os acordes do teu tango
Decorei às cegas simples passos
Abertos em cinco mistérios
- Um para cada página que de ti se apossa
Rezando semitons onde cantam
Aprestadas hordas de teclas e acordes
Por meu singrado e arteiro bandoneon

FAXINA

Introspecto queimo todo o lixo que deparo:
O bem do mau, o luxo e amorfo
O sórdido e prolixo da boa intenção
Sob a desculpa da fala, das justificativas
No refluxo prévio da arrebentação

Limpo as gavetas, os arquivos do córtex
Varro o chão da memória, rastelo vértices
Arestas e faces que gramam minhas vontades
As mais sujas e obscuras possíveis
Por meio século sem razão recolhidas

Uso da palavra como ferramenta de mão
Que escava intenções, remexe pensamentos
Remodela a arte transformadora do sentir
Para erguer-se altivo e predisposto
Reforçando colunas e produzir gentilezas

Eis a forma como decompõe-se a cera que me arde
Mínima chama no escuro do norte
Porem transparente e útil como lâmpada e luz
Limpa, livre, solta feito flocos do sal
Que depuram lágrimas de silêncio no porvir da idade

Sigo, por fim, andejo pelos polos de um imã
Que desperto e involuntário reverte meu leque
Provocando por sinais longas tempestades
Cujos ventos internos de sua doma reformam a manhã
Por onde diuturno construo sadias as minhas tardes

EU RIO DA VILA

A cabeceira da ponte ruiu
Despegou-se decidida
Decapitando a Cidade da Vila
O Norte do Centro
Repartindo a pista
Como alguém que resolve
Divorciar-se de si mesma.
Cansara desse leva e traz
Das mazelas que fazem com as beiras
Com o relaxo empestado
Ao meu frágil leito e às carcomidas margens
Danificadas por erosões tenebrosas
Que se roem em covas
Decompondo ideais e cadáveres.
Quem a vê pensa ser apenas
Uma manta de ferro e argila
Soerguida entre dois conceitos.
Não enxerga suas mãos
Resolutas soltarem-se dos laços
Entre as castas, dentre os sustentos
Abrindo as alças em braços
Encolhendo as pernas
Vertiginando o volume das bases
Implorando auxílio em meu socorro.
Tentam reata-la com gosma
Cimento, sarcasmo, aço, suor e pedras
Como quem sutura artérias
Após um escaldante infarto
Devido ao intenso tráfego de
Sódio, fumaça e gordura.

Por debaixo da viva laje
Rio amargo teimando intermitente

Escoando ignóbil tudo o que lava e declina
Lambe barranco e ferve os nervos
Dos seios de uma gente insólita
Que vem e vai sobre o asfalto
Remendado e partido
Sem apiedar-se de minhas águas pardas
Que se deitam fétidas e quase sólidas
Entre limbo, lodo, lixo, fuligem e folhagens
No azedo da beira do mar.

ARMA DE BEM

Em meio a essa guerra de palavras vã
Usa tua arma de bem para modelar as lutas
Travadas e escondidas nas folhas
Das tuas batalhas ganhas
Em meio à selva entre as feras
Que consomem teus desejos bons
Diariamente quando despertas
Ou adormeces tuas escolhas

Apropriando-te assim dos teus coesos princípios
Terás a nítida certeza
De que não há hipótese nem regra ou piedade
Nem caminho desnecessário de se passar
Que não gere liberdade e gratidão
Muito além de qualquer aspereza e vício
Que o acaso aprisione ou porventura
Se agregue à tua sobriedade

Demora entender desse enlace
Mas essa é a conta suprema
Que engrandece, evidencia e dá ciência
A essa dor que não se chora
A essa face que não se oculta
À mansidão que nunca agride
Nem desumana as tolas buscas
Que sublimam a existência

LOJA DE SÃO JOÃO

O teu vestido é tão belo
Mas tua nudez muito mais
E tua voz tão cantante
Sublima os silêncios das manhãs
E os teus olhos de menina
Enxergam o que vimos jamais
E quando proferes dúvidas
As respostas borbulham
E tuas vontades arrebatam
Os velhos dogmas
Entre o profano e os evangelhos
Assim te renovas e nos rejuvenesces
Aprendemos e discernimos
Entendemos teu compasso
As chaves que destravam
Todas as portas do que ignoramos
És reza e gratidão
Entendimento sagaz
Círio que somente consome
O azeite livre e o rico pão
Prezo-te por teus ritos
Que nos enleva ao eterno
Descortinas nossos eus
Acalmas a língua vilã
Abrandas as tormentas
Consertas as mazelas
Que criamos incosequentes
Tornando-nos únicos e unidos
Verdadeiramente irmãos

ACERCA DOS ARAMES

Sou sertanejo por opção, adotar o campo
Admirar as belezas escondidas nas simples folhas
Pelo cheiro doce da terra úmida quando garoa
Pela poeira que enrijece e o suor que decorre da lida
Onde caleja, queima e salpica o couro ao sol na peleja

A vida criou-me dentro das salas
Mas os meus olhos sempre passearam pelas campinas
No perfume das sombras das tardes
E minha voz interpreta os sons e cantigas
Na fala da palavra e cultivo da poesia
No gosto saudável do que se planta e produz
Daquilo que se colhe sem escolher
Que nasce da bonança ou pena na aridez
Da espera que vingue, na paciência que frutifique

Tudo o mais é sinônimo e já fora dito

Acerca dos arames que divisam e margeiam teus acres
Declaro, por fim, com profusa verdade sob a pena da
grande luz
Que a imensidão das tuas glebas
Não apequena meu mundo
Não torna diminuta minha terra
Não escarnece meu quintal
Nem tripudia minha posse
Unicamente agiganta e efervesce
O orgulho que sinto por minha pátria
Feita de soberanas conquistas
Que a torna livre dos grilhões das tuas mãos

DA BOCA ESPERA-SE

Da boca espera-se
Canto alegre
Conforto, sussurro
Hortelãs, sorrisos, sibilo
Assovio, morno assopro
Lábios cerrados, sisudos
Silêncio, segredos e confidências
Saliva
Doce palato
Conversa, palavras
Cuspe e gritos
Intrigas, vômitos
Mordidas, chupadas
Denúncias, calúnias, confusões
Tudo que repara ou acusa
Causa, separa e compara
Explica, condena, conta
Corta nos dentes a garganta
Ou constrói e conserta

Na boca do dia, da noite
Do sapo, da onça, da favela, do homem

Em todas as línguas presas, gagas ou soltas
Passeia-se pelo céu
E o universo bebe, vive, come, beija
Deseja, conspira, apela, pede, agradece, ora
Implora, respira, devora
E morre por ela

VARAIS

Contrário à corte soberana
Resolveu-se que ao mesmo tempo
Todos devessem estender as próprias roupas
Num imenso quaradouro e seguir em procissão

E enquanto a nudez esteve explícita e exposta
A aldeola tornou-se naquela tarde
Embevecido e incrédulo festival de trouxas e enxovais
De lycra, jeans, algodão, brins
Tricolines, viscoses, sedas
A rendas
Balançando presas às cores
Pelo alto dos postes, prédios e quintais
Ocupando os pórticos e contornos
De uma nesga algazarra de peças
Misturando vertentes e valores

Assim a sociedade rastejante
Até então passiva, cega, inteira
Itinerante apreendeu a respeitar nua
Sem qualquer traje e pudor
Seus nobres e raros tecidos epiteliais, conjuntivos,
adiposos
Ósseos, cartilagosos, sanguíneos, musculares
Esqueléticos, lisos, cardíacos e nervosos
Efervescidos e fermentados pelos sabores de sais
Ópio, ócio e odor
Entremeio a pelos, excrementos
Suor, esporro e escarros
Condimentados, intumescidos
E outros fartos elementos animais
Tão próprios, comuns, até então sufocados, ignorados
Úmidos, ingênuos, diários

De quando andavam ostentados por pechas
E adornos ridiculamente banais

Incrível também como as roupas
Tornaram-se outrora muito mais nobres
Livres de seus corpos, estiradas nos varais

VIRTUAL

O riso amarelo
A lástima púrpura
O olhar anil
O gesto verde
A versão carmim
O presságio negro
A palavra caqui
O remorso neve
A alma nude
A eminência parda
O perdão porcelana
A intenção laranja
A vontade cinza
O amor royal
A certeza champagne
O espanto bege
A coragem magenta
O segredo prata
O delírio pêssego
A tristeza limão
O pensamento vermelho
O querer marrom
A premissa rosa
O calafrio marfim
O sufrágio bordo
A mágoa gelo
A calma ouro
O saber areia
O compromisso fumê
A vertigem turquesa
O sonho palha
A realidade concreto
A solidão tijolo

A alegria caramelo
O devaneio ocre
A culpa grafite

A virtualidade é esse refletor matiz
Distinto destino da contemplação
Entre a saturação mera
E a realidade do que se fez e quisera

RESTO DE AROEIRA

O seguinte passa pela rua
Desfilando nas calçadas e avenidas
Correndo pelos becos
Buscando saídas
Retornando quando necessita
Avaliando quando precisa
Eximindo-se de tudo
Que lhe possa parecer caos.
O conseguente viaja nas veias
Enveredando por artérias
Voando em micro ondas e bandas em bando
Desaforando o futuro
À frente do tempo
Cometendo loucuras
Atroz, voraz, veloz como a luz.

E na roça
Sentada num resto de aroeira
A esperança se convence
De que no vasto mundo
A sentença das Cidades
Em todos os sentidos e seguimentos
Ainda converge
Para o interior de cada interior.

QUARTO DE DORMIR

Existem dias tão semelhantes
Que até parece já terem sido vividos
As noites também são assim
Por vezes repetitivas, usadas
Ah, as horas – estas imensas
Tiras de nuvens derretidas
Os meses, os anos, décadas
Singularmente coincidentes, previstas

Revejo um espelho sem imagens
Achando que o tempo parara alérgico
E que os cabelos esbranquiçados
Resultam das mágicas do inerte
De máscaras incidentes, plásticas
Completamente amorfas, trôpegas
Verberadas, urdidadas, lerdas
Cujas cerdas desfazem-se aperiódicas
Pressurizadas em sacos de supermercado

Estranho deserto de insalubre oásis
São estas quatro paredes concretas
Do quarto de dormir
Eis que o mundo aqui se resume
E apenas o ousado assombro me alumia
A cama, o banheiro, o armário
Nos lerdos passos arrastados
Ditando o passado e o porvir

OUTROS TEMPOS

Quando aprendi amar o sertão
Cantava as coisas do verde
Das colinas e capoeiras
Lagoas pantaneiras
Estradas sertanejas
Ipês florindo cerrados
Horizontes sem cercas
Como as linhas da mão

Andava rude pelas matas
E fazia das horas
Intermináveis rosários de versos
Banhados nas águas dos rios
Lotados de risos singelos
Bem distantes das cidadelas
Onde habitavam
Temores perversos

Assim formulei outros tempos
Formei forasteiro
Apaixonado pelas serras
Acrescidas por forças arredias
Nos espaços longe de um mundo
Que somente admitia
Estar forte, certo e recluso
Hoje além do além das esperas

UM TOLO

Estou prestes
A me sentir um tolo
Não consigo controlar
A incontestável vontade
Em não partir o bolo
Que me deste

Transforma-lo sim em pedaços
Pequeninos para as formigas
Fartarem-se plenas
Levem nas costas as migalhas
Distribuindo doces entre amigas
Às carreiras imensas

Depois vê-las
Dormir saciadas
Cansadas do dia inteiro
Absurdamente contentes
Sem assombros e remorsos
Como fazem os inocentes

EXISTE UMA DISTÂNCIA MAGNÍFICA

Existe uma distância magnífica
Debaixo dos lençóis que te abraçam e recobrem a cama
Há o corpo aceso por onde falas
E as tuas garras repartem comigo
A insanidade que entremeia e vivifica

Vivo na imensidão do uso da poesia
Que se derrama e perpetua por tua orla
Sou afim teu anverso travestido de abrigo
Quando conversas repleta dos apelos
Versáteis à sombra da alquimia

Se o travesso coração e alma entendessem
Das paixões que se debruçam sobre as eras
Abrandarias meus tropeços
Consertavas as tardias conveniências
Antes que nossas parcas chances nos perdessem

AUSÊNCIAS

Você deixou meus olhos
Sedentos novamente de olhar os teus
Reluzentes, apaixonantes
À mercê da lua e dos sóis
Que flanam e flutuam aos teus pés
Incisivos, decididos, decisivos
Abundantemente fartos
De sonho e saudades

Sou alguém que alimenta a alma
De indulgências e fantasias
Nas madrugadas, de manhãzinha
E por todo o resto do tempo
Em que fico intimamente sozinho
Dentro da arrebentação que consome
Os partos que geram as ausências
Daquilo que guia nossos dias

É assim que convivo com a folia
Fabricando espaços, ocupando rumos
No ensejo de enxergar o norte
Atrelado às tuas claras boias
Que me salvam quando entristeço
Adormecendo nos pensamentos
Remexendo as gavetas e caixas
Em que guardamos nossas alegrias

A CADEIRINHA

Descansando dobrada
Vestida de azul e branco
Abrandada
Guardada no plástico
Imóvel
Estática
Limpa e despreguiçada
Depois de tanta praia
Depois de muita água
Depois de intensa farra
Em meio à distância
Concreta do silêncio
Perguntou-me a cadeirinha
Com sorrisinho cismado
- Ei, cadê meu menininho?
- Ah, foi logo ali
Brincar do outro lado!

PARENTES

A casa nem tão grande
Ficou de repente mensurável
Com as portas dos quartos sem trancas
Onde nas camas já não mais se repousa na sesta
Pois a hora desse descanso
Agora é formal e duradoura.

Eu nem soube que vieram
Mas os vi, vivi e convivi
Ganhei abraços quando estavam
Cantamos, comemos, beberam comigo água e vinho
Antes de partir
Entre risadas e broncas obesas.

Creio que o tempo se alimentara de nós juntos
Justamente quando nos encontramos esvaímos
Certos da eternidade ornada em momentos
Assim próximos da rotina
A um vulto na retina sem cor.

Gosto que arde no peito
Vontade e certeza de rever
Cada rosto e ouvir suas doces vozes
Como se foram previstos pela volta
Advirão, e os terei justos
Colados, íntimos, parentes.

A NAVE E O GOZO

Quisera tivéssemos as mesmas taras
As expressões mais raras
Viajássemos nas súplicas da libido
Às claras, nada escondido
Nem proibido, nunca involuntário
Unicamente desejoso e conexo
Sempre presente, poroso
Às vezes perplexo, próprio
Em íntima similaridade
Sob estado de contemplação
Amplamente benfazeja

Por esse tom ameno
Cultuaríamos então o apego
A tudo que se apregoa e enseja
- O vinho, a pétala, a névoa
A nave e o gozo
Que nos envolve e espera
Quando se deseja

FRATERNOS

Sempre trocamos afetos
Olhares
Afagos
Rimos sozinhos dos descaminhos
E apegos
Às mínimas espécies
Cerceadas em nossos passos

Sentamos juntos
Na mesma cadeira da gigante roda
Que nos gira
Revira
Rola mansa ou veloz
No entorno da escada
Absortos e embarcados

- Por vezes cegos
Domamos frigidamente a cerca
E a cena e a estrada
Enamorados e guardiães
Aprendendo as proporções inexatas
Que nos entalam e atrelam
A mente e a garganta

Tão vasto é o deserto
E esse aperto isolado
Ludibria e nos enumera ternos,
Longe ou perto
Cada um a seu modo
Eternos reverenciando
O que nos torna perfeitos
Mais justos
Fraternos

NÓ DE CORDA

Abraço as vindas cansadas
E os prêmios que me trazes
Quando te acolho nas mãos

Tu és a um só tempo navio e cais
Sou apenas simples amarras
De onde desgarras
E vais seguindo teu rumo
Ou permanece angélica
Cósmica e plácida amanhecer
Para meu peito deslaçar

Quem dera sendo eu forte nó de corda
Suporte os vaivéns dos teus mares
Das imperfeições acorde
E da realidade mórbida
Apague os traços e os rabiscos
Que os riscos dos teus oceanos
Cometem dentro dos meus planos

Choro tuas idas revoltas
Mas recolho as tuas voltas
Repletas de canções

SOZINHA

Quando sentamos desconfiados os olhares na sombra
dos edifícios
A cidadela parece esconder secreta dentro das suas
prosaicas paredes
As sensações e certezas de que tudo se contrai, arquiteta
e quieta

Conseguimos medir no espaço entre o polegar e outro
dedo
O tamanho do medo que sentimos
Ao revelarmo-nos desprotegidos

Por certo nos quartos e salas debaixo dos andares e lajes
Há mulheres contidas aquecendo comida
Meninas descalças contando dinheiro
Crianças colando os verbetes das aulas
Enfermos, cômicos, TVs ligadas, computadores acesos,
celulares on
Camas desfeitas, janelas com cortinas cansadas,
obliquas
Vasos que a descarga não conseguira esvaziar
Marmanjos abnegados bebendo água levemente gelada
Musica tocando entremeada a noticias de que o mundo
acabara
E o que sobrara são gestos da sociedade em catarse

Luzes se fazem acesas pelo fim da hora que retarda
Pais retornam de outros países, de novos e velhos
mundos
Em estado e maneiras líquidas desarmando-se dos
costumes do dia
Carros sepultos no subsolo quietos hibernam
Enquanto despojados os calçados descansam nas

soleiras ou cantos
À espera dos donos esquecidos dos passos por onde
passaram

Alguém reza, outro esconjura, um trai, tantos sorriem,
dormem ou choram

E na varanda, Sozinha delira e se degusta absorta
deitada

Enquanto roça os dedos de leve nas pétalas das meias
coladas às pernas

Aguardando a calma emergir úmida, sincera, serena,
branda, branda, branda

DEVIA IR CONTIGO

Devia ir contigo à Ilha de Balruos
Aprender como se governa.

Onde as filosofias afloram no ar
E nas brandas espumas das pedras
Que descolam no cais, convivem e enamoram.

Sei que não se parece às Cidades em que vivemos
Nem às Vilas incrustradas nas rochas como em nossa
terra.

Há quem mande e respeita
Amplamente em liberdade
Farto em sabedoria
Imerso em abundante compromisso com o sacrossanto
Direito do querer e pensar.

Devia ir contigo
Provar o gosto da ética e o sabor dos costumes
Em doses certas, nas porções exatas
Dados em troca da constância e do progresso
Frutos da evolução natural e perseverança das espécies,
Respeito ao bem público
Prazer nos serviços
Profusa crença e fé na palavra do próximo.

Porém minha fome
Ávida, dolorida e áspera
Desconfia de ti desacreditada em mim.

GRAVITACIONAL

Sou extremamente gravitacional
Giro tonto ao entorno dos meus problemas
E quando não os tenho, os arranjo
Através dos planos sensoriais
Que a minha displicência procria.
Veja como soluciono as angustias
Atrapalhadas e cambaleantes que me perseguem.
Sou barulhento desertor das ideias aflitas
Um flautista sem fôlego pronto para a disritmia
Um sem graça qualquer afeto ao que esconjura.
Juro que me apego a porcelanas trincadas
Conservo parafusos enferrujados e chaves quebradas
Que nada mais abrem nem destrancam nem significam.
O desapego unicamente me quebranta
Nas impropriedades que me representam.
De resto tudo finjo, camufló, insinuo, esqueço.

Preciso apenas de silêncio
Este sim me envenena, e o óbvio.

A QUALQUER TEMPO

O espaço, essa flecha insana
Bate feito maço sobre a pele
A carne, o corpo debela
E ela, a alma, incorpora
O que a idade avara afere
Subliminar ao que acontece

Os sabores são seus alicerces
E o que se aterra são apenas as sapatas
Desse edifício aclarado do espirito
Por onde passamos descalços
Relendo versos e os reescrevendo
Entre sorrisos, sonos e gritos

A uns isso tudo é perverso
A outros menos tenso e sem esperas
E são esses os segredos do universo
Vistos de imediato e de perto
Ao longo das esferas e gestos presos
Aos lugares que se atravessa

Aclamados assim somos todos apegos
Desorganizados, absurdamente imortais
Fazendo desse jogo eloquente
O que começa e a qualquer tempo passa
Sem que seu ciclo extinga ou decline ao fim
Pois nem tudo que dilacera morre, apenas cessa

REAMAR

Às vezes chove fino, sem ventania
Às vezes o mar de repente para, se esconde da onda
Na calma propícia da brisa envolta de sal

É quando sem luzes descerra-se o escuro
Nas largas avenidas dos oceanos da ânsia
E nosso peito parece arrefecer no carvão

Recolhemos os pés, cerramos as mãos
Pintamos a face com o branco da cal
Contamos com os lábios os fios da visão

Sozinha, entre o reverso e a astúcia
Tua pista iluminada guarda meu pouso
E cego mergulho certo de que me aguarda
A façanha incontestada de em ti descer
Para dentro dos teus braços extrair teu vício
Agarrar o teu voo, saciar a minha alma
E pleno de ti, tornar a nascer

DEITADO NA REDE

Escolha a causa que lhe fala
Eleja a nuvem que lhe chova
Ouça o sino que melhor badala
Cala o som que lhe perturba
Conclua os rabiscos de Da Vinci
Prossiga com Tarso
Faça gêneros,
Pratica o que dizem os professores
Estuda as anatomias
Siga os rios da mente
Descubra o que melhor lhe abraça
Valoriza o que sua direita desconhece do seu outro lado
Repita inconstantes vezes
Não negue os trocos
Reconheça as trocas
Valoriza a prosa
Rebusca o óbvio
Amplia a graça
Reintegra o ido
Necessita quando o ignóbil desaprova

Sacode povo
Antes que a terra treme
E nos cubra de lama,
E nos envolva
Feito edredom sobre a cama

LEMBRANÇAS

Lá no silêncio bruto das grotas
Habita a tradução ímpia das certezas
Onde então guardamos as seletas pétalas
Entre as paginas misturadas dos livros amorfos
Escolhidos a esmo nas prateleiras
Da biblioteca de outras épocas

Folhas secas que eram verdes
Verdes sonhos dos amores hoje maduros
Talos ressequidos preservados
Nas íntegras linhas das histórias descritas
Contadas, vividas por todas as sílabas
E frases ali acondicionadas e contidas

O que fez o tempo com as nossas vozes
Por vezes fez das vozes a plataforma
Das cores em que nos modelara a vida

VULNERÁVEL

A morte e a vida colidem seus rumos
Tão prontas quanto se beijam
Assustadas causam em meio às ventanas tortas
E a calmarias
Ambas resistem, insistem, e se entregam
Fiéis, copiosas e fortes
Ao pó das pedras das soleiras das portas dos destinos
E estes sorriem da sorte vulnerável de todos nós

Por isso todo esse mundo em moto-constante
De poeira e lama, massa e gosma
Flores, canções, poesia, luz e benesses
Se torna cuspe do infinito
Ainda que açodado e perverso
Cisto debaixo da língua amálgama do universo

ISTO ASSIM É VIVER

Prepara tua sala
Os anos sucessivamente virão em visita
Um a um, na profusão dos dias.
Hoje retardam chegar
Depois deverão arguir-te em maior intensidade
Quando por fim passarão carregados pelas
Asas dos arcanjos que nem irás notar.

Mantenha tua casa à parte do entrevero
Limpa das impiedades, forjada à sombra
Dos arvoredos dos bons costumes
Sob a lâmina da razão.
Entretenha-te com as iguarias
Produzidas pela sorte que te merece
Saciando-te os anseios
Pelos corredores das paixões.

Fazes o que há de belo
Que a tua alma denode o inoportuno
E o teu espírito em equilíbrio ilumine
As conjecturas dos propósitos e das boas respostas.
Viva o teu presente
Por todos os motivos das
Assertivas de estares vivo
Entre os homens de bem.

Nada terminará, apenas o tempo
Será então tua mobília
Irá decorar os teus cômodos
Permitirá as tuas portas
Delimitará os espaços teus
Entre o risível e o que sois.

Isto assim é viver!

ATRIZ

Procura o sorriso claro, impar
Deixado talvez colorindo
Junto às manchas reunidas
Arrancadas dos panos usados
Pendurados entre as chaves
Dos chuvosos dias de fim de outono

Busca aonde a chance da morte não bate
Próximo às pegadas no barro
Das estranhas estradas desertas
Ou nas peneiradas areias
Seladas por ventos firmes
Em ritmos, rimas e suores

Traz suas doces uvas maduras
Para o nosso vinho evoluir
Decantar nos silêncios confiados
Aos caramanchões solitários
Enlevados pelas vivendas
Enevoadas e em nada iluminados

Cuidarei das pétalas amarelas
Dos aromas e do risco
Decependo as percepções
Os preconceitos entre o palco
O carisma, a praça, o júri
A plateia, o vinco e a taça

O QUE SE TORNA SAUDADE

Nas arruaças do tempo
O que se torna saudade
São os acasos e as esquinas
Suavemente abraçadas
Degustadas e enlouquecidas
Pela imensidão serena do olhar

As informações, os colares
Repletos das grandezas ousadas
Às voltas por linhas tortas
Na face morna e morena
Das tardes, noites, manhãs
São prazos perdidos, instados
Nas curvas planas, revoltas
Flanadas em um mar carmim

Então nesse espelho a vida
Furtiva, ousada, enrustida
Namora e se entusiasma
No amanhã que certamente volta
E que se torna saudade
E se reapresenta simples
Feito janela barroca
Que se abre pensada e se fecha louca
Debruçando seu dorso em mim

EM TUA COMPANHIA

Quando teu silêncio estanca minha fala
Quando tua calma apara a minha pressa
Quando o teu zelo repara meu descuido
Quando teu perdão ofusca a minha mágoa
Quando a tua água sacia minha sede
Quando o teu colo descansa minha alma
Quando teu olhar revela o que não vejo
Quando os teus braços soerguem meus desejos
Quando tua bênção serena o que esconjuro
Quando teu conselho apregoa o que rejeito
Quando teu solo se assemelha à minha terra
Quando tua paz sacia minha ânsia
Quando teu suspiro estanca meu soluço
Quando teu norte guia o meu rumo
Quando teu prumo enceta minha linha
Quando teu veludo aplaca minha queda
Quando tua reza ameniza meus temores
Quando a tua cena anula o meu ócio
Quando o teu passo abranda minha estrada
Quando tua luz acende a minha sombra

Prostro-me peregrino
Quando redescubro
Quedo à tua divindade
Em tua companhia

O SAL DA TUA LÁGRIMA

A água pura
Quando da tua emoção desceu
Deixou rastros,
E verteu abundante
Entre cílios e poros
No entorno dos olhos teus

Mapeou o macio veludo do teu rosto
Acendeu a expressão casta da tua rosa
Riscou mansa a pele avelã em úmido apupo
Encharcou com rubor tuas maçãs e brios
Fez brilhar ainda mais as tuas meninas
Marejou os rebeldes fios das tuas franjas
Renovou vontades em teu soluço
Até ver-se displicentemente acolhida
Pelas costas âmbar, nos gestos parcos
Do enlace terno das nossas mãos

Tua anônima poesia, no entanto
Discreta e efêmera
Abrasou meus lábios
Ao me sentir no gosto azul
Entre o ósculo e a língua atônita
Ao provar do sal da tua lágrima

PASSASSE

Com a mão no cabo do ferro ardente
Elza alisa as camisas entre golas e botões
Realça os vincos das calças, dribla o zíper
Estica a alça azul da blusa junto à lantejoulas
Vai e vem ligeira em atos continuados
No plissado das saias, dobrando o blazer
Circundando ombreiras
Armando os punhos
Sobre a macia tábua aquecida
Sob a manta de fumegante bafo
Revendo os amarrotados idos
Depois de quarados nos fios de alumínio e nylon

Elza analisa e dobra ainda cuecas e meias
Lençóis e mantas, calcinhas e toalhas, as fronhas
Por onde à noite repousarão as faces calmas
E serão enxugadas as deliberadas marcas
Que ficarão retidas no feltro macio
Perfumado de amaciante e pedras de anil e ipê
Lavanda floril, jasmim, e outros aromas
Artificiais tão raros, caros e essenciais
Sem cheiro de espuma, sabão, uso e mágoas

Conhece intimamente cada peça
Como se as vestisse
Como se as usasse
Como se nelas grudasse
Como se estas lhe cobrissem o dorso
Como se em seu sexo roçassem
Como se a dona delas fosse
Como se a vida envolta, em torno e dentro delas
Passasse

Passasse
Passasse

RESILIENTE

A menor partícula resistente
Reside no momento
Onde quanto maior for o desejo
E mais ardente
Efêmera será a hipótese
E o receio
Da palavra ser partida ao meio
Ou prender-se no silêncio
Do beijo velado
E dado pelos lábios
Num hiato entre os dentes!

OBSCURAS

Ampla mente em carne fraca, desfalecida
Cortada em posição obtusa, íngreme
Sangra como se forte fosse a textura
E tênue apenas o que a denoda e atenua

Ela no entanto costura e cola a pele
Onde a faca estraçalhara o talho
Por quanto a boca entreaberta geme
A réplica do choro do meio da rua falha

Dor de todos os povos no corpo entreaberto
Indevida, renunciada, desfeita solidão
Os vasos da ferida sangram, marejam
Que até mesmo os anjos destemidos sentem

A lâmina arrazoada é essa lástima íngreme
Afundada sem anestésico onde nem mais ofende
Quando convencidos enxergamos esbaforidos
Que todas as verdades obscuras mentem

SÓRDIDA MÃO

Sórdida mão esta, que assegura o lucro
Que apara a lente, sulca os sentimentos
Redireciona o ar, reendireita a vértice
Reapruma o leme, estribilha o mote
Mata a pastilha exangue, enxagua o molde
Se deita vaga, vagamente boia
Copula lerda entre as pernas tortas
Das tardes martas, corpulentas bolhas

Algas magras, estas brandas nesgas
Endiabradas, aferidas, federadas
Quando ajoelham pedem resolutas
Absolutamente anoitecidas, reclusas
Repletas de calos que incomodam
As incoincidências, e discriminam
Adoidadas tudo que de lúcido enseja
E rasteiramente rastreia e arrasa

Convexa aurora, então desconecta da noite
Adiciona o dia intersol sob as asas puas
E se não voa, cavalga ao menos no longo apelo da lua
Fazendo chegar inteira a satisfação da mera escolha
Nos labirintos arcanos, desformados, sem cheiros,
Sem gruas e nexos, ceifando as falsas hipóteses
De se encontrarem as duas, nos momentos
Raros e rarefeitos no afio laminado da navalha

CORRUPTA

Existo entre o grão de areia e a suave poeira
Resido onde os átomos somem desclassificados
E os vultos e as sombras andam desapegadas
Insisto, consinto e permaneço entre o sopro e a queda
O voo e a espera, a vereda e a razoabilidade
Perto das muralhas onde abunda e farta
O conforto e o contrassenso avaro

Faço a chegada, insulto a preguiça
Atrevo a atrelar o verme à putrefata cobiça
Sou a estanque cratera à espera do oportuno
A mão que se abalroa da felicidade estragada
Estagnando o sucesso, maldizendo a justiça
Laureada neurose favorita e espavorida

Nasço apolítica, permaneço e assim nela sobrevivo
Incrementando o ópio, apoio o apadrinho
Quanto tudo necessito ou mereço
Adulo o apreço, aprecio a maciez do sombrio
Conformo as caretas, insulto o benfazejo
Sou o cerne da espinha que verte o falso
Insulto aquilo que se convence no bem

Tenho dez caras, uma em cada face
E meu estado é intenso, viciante e precioso
Aceito com garbo, sou paciente e mansa
Atrevida e incolor, sem credo ou raça
Em nome e por graça da fé é que ajo
Por vezes no seio de quem mais me ignora e rechaça

A DOR PERFEITA

Ao estar em outras terras
Olhando os céus do mundo
Em diferentes realidades
Percebi que vários sóis
Descontavam os seus brilhos
Extenuavam seus raios
E anulavam-se mutuamente
Na presença dos teus olhos

Trocando de oceanos
Provando salgadas águas
Entendendo a cor marinha
Constatee que as correntes
Desprendiam-se dos cursos
Despegavam de seus leitos
E buscavam na clave a língua
Entreabrir teus loucos lábios

Na velocidade dos ventos
Revolvendo meus desertos
No turbilhão do meu barco
Em meio às soltas areias
Encontrava a existência
No aconchego do teu colo
Quanto mais desejava estar
Na elegância dos teus braços

Por onde habitam agora
Aqueles ávidas, enamoradas
E pudicas chaves da terna
Sinfônica dos desejos
Que celebraram sorradeiras
A mansidão das horas

Ali estive pasmo dormindo
Encontrando a dor perfeita

ORÁCULO

Não meça a graça pela prece
Nem peça o que não mereça
Reconheça, porém, e agradece.

Habitue-se à presença
De tudo o que vele teu dia
Do quanto valem os teus modos
Das custas para com os teus atos
Nos autos da tua sentença.

Intensas são as prosaicas fases
E as estações de tuas luas
Regendo sobremodo intervalos
Dessa preguiçosa passagem
De duvidosa recompensa.

Não há graça sem que se peça
Nem messe que não mereça
Gratidão pelo que faça.

A POESIA DAS IDADES

Cresci afiando o fio da navalha
Batendo na palha o aço bruto
De cabo de pedra no couro encerado
Os lados convexo e côncavo
A foice tangendo, umidificada
Para enfim com mãos suaves
Raspar os pelos das caras

Nasci desbastando cabelos
Sobre toalhas nos dorsos
Com pentes de osso em meio às falhas
Debulhando fios entre os dentes
Ouvindo os estrondos das mechas
No chão frio e sem graça
Remodelando os rostos

Segui perfumando faces
Desenhando cortes, alisando têmperas
Dissolvendo salientes penugens
Protuberantes bigodes
Renovando as expectativas
Reinventando os inefáveis anos
Desmontando que se pensa que o tempo pode

Brinquei assim por toda uma vida
Conspirando com atrozes vaidades
Deixando os espelhos mais belos
As ideias mais novas
Os sorrisos mais brandos
Os rostos mais leves talhando
Amiúde a poesia das idades

LAMPEJOS

Os sábios cientistas
Debruçados em seus próprios cotovelos
Discutem ferrenhos os argumentos
De Carl Sagan
Investigados em mil novecentos e noventa e três
Quando a sonda Galileu na proa de Júpiter
Estampara nas telas
Intensos brilhos no mar
E ainda hoje os satélites denunciam
Complexos flashes
Estranhos cirrus
Observados do espaço sidérico

Acreditam ser minúsculos cristais
De gelo filiforme
Que flutuam quase horizontalmente
Nas nuvens de grande altitude
Em determinadas latitudes
No entorno do planeta
E que refletem descontrolados
A luz do sol
Conforme explica Marshak
Montado em seu DSCOVER

Mas eu
Tolo atemporal e
Inveterado transeunte
Contrariando os desbravadores das obscuras nebulosas e
Instigadores viandantes
Concluo que tais momentâneos brilhos
Centelhas, faíscas, cintilações
Provém todos dos lampejos
Do desejo de beijos dos lábios teus!

PARA JOAQUIM

Um encanto adorna os seus olhos
Que não entendem
Mas já apreendem e ensinam
A melhor enxergar o mundo

Nas pequeninas mãos
A força do berço
Sustenta a morna tarde
De um dia de maio
Tangendo o rubor
De sua face clarinha

De espírito valente, discreto
Sorriso sereno menino, amado, herói
Envolve toda a vida
Ao seu redor

Declino sem pressa
Bem-vindo, bendito
Amigo a esta Terra crua
Aonde nos divertimos
Brincando de crescer
No balanço das manhãs

SER PÁSSARO

Preciso fugir
Subir, voar
Descobrir novos sons
Empinar as plumas
Arrepiar as penas
Olhar de longe
Apreciar, desafiar limites
Ser pássaro
Sumir
Encontrar pistas
Treinar os olhos
Decidir distâncias
Emparelhar
E ao mesmo tempo estar só
Num espaço único
Imensurável!
Degustar azuis
Vislumbrar as cores
Desaparecer
Reencontrar o apropriado
Recolher histórias
Religar os raios
Reconhecer perímetros
E distanciar
A necessidade do desnecessário.
Nesse jejum
Remoldar a terra
Caminhar desapegado
Desandar
Reafinando o pio
Desafinando o canto
Traduzindo
O eterno perfil do universo

Moldado no interno desejo
De existir.
Ah, incontrolável sonho
De reformular!

O SOPRO NA FLAUTA

Na cadência levamos as tarefas da vida
O fato de amar a decência nos atos
O riso, alegrias, o choro, sonolência
E tudo o mais precioso e preciso
Para ornar os temas dos falsos dias

Escolhemos assim os caminhos
O sopro na flauta, a música, melodia
Que encanta, encaminha, convence, implica
Ou envelhece a derme, descarna ocasiões
Estagna a atmosfera que fere e acalenta

Sambamos na prece, faltamos no ar
Ritmamos certos no piso e na mágoa
Seguimos a pauta apolítica, complexa
Compressas atadas, lerdas, sem pressa

O esqueleto não mais suporta ir longe
Onde se vai, de onde vir, como existir
Sem achar os termos de ser parecidos
A paredes plantadas, caídas, refletivas
Repletas de histórias, intolerantes parcerias

Reconhecidas todas as notas, remexidas viradas
Nas cenas burlescas dos raros momentos
Em que comungamos religiosidade e suingue
Permitindo o aporte das áreas revolvidas

Nunca mais somos tolos tão santos
Quanto absurdamente animais

NOSSOS PÃES

Na Irlanda a Ilha de Man
Mantém-se sob a égide da Coroa do Reino Unido
Apesar de que as fotos desgastadas nas traças do tempo
Perderam parte do brilho e colorido;

- Os rios continuam caudalosos na amarela Barsa
Edição 1969;
A estante já não é a mesma.

Devorávamos todos aqueles volumes
E a sede de ler ia além das nossas forças.
Puxávamos os barbantes, latas velhas redondas pelas
ruas
Enquanto na outra mão suja de poeira
Meio metro de pão envolto por minúsculo papel vinho
Do Armazém Central,
Passeava nas calçadas
Atiçando a fome pelas belas viagens nos volumes da
rica
Enciclopédia da casa vizinha.
Mas juntos
Fazíamos daqueles espaços nossos passos
Alargando nossa torpe geografia.

Nos sertões de Selvária onde o medo era desaprender
As taperas eram magistras castelos
Os quintais colossais pomares e jardins
Incólumes partições sociais onde nós civis e soldados
Soltávamos as asas nas cores dos vitrais.
Nos casávamos na modesta e acanhada capela,
Nas monumentais torres da Catedral.

Entre mares da Irlanda na Ilha de Man
Feito de poças de água doce
E enxurrada
Enlameávamos os olhos
De profunda algazarra, cultura e alegria
Os nossos pães.

TANTOS ANOS SE FORAM

Então abrigamos na mala marrom de alças de osso
Algumas calças e camisas, meias, seis cuecas
Um rosário de contas azuis, documentos
Retratos, sabonetes gessy e duas pastas kolynos.
A blusa de frio foi cobrindo o peito
E escondendo os bolsos
Repletos de lágrimas e sorrisos de quem ficara.
Os vagões da EFFNOB arrastaram ao Luís Lasagna
Imensas saudades de Três Lagoas.

Noutro dia o mesmo trem despejou no São Vicente
A santa mala marrom abalroada de esperanças
O coração escorregando apaixonado
Um breviário de Salmos e ritmos gregorianos
E um container de fé incontida.
Aspirante desejoso, prestativo, aplicado
- Éramos assim convertidos
Enquanto em mim roçavam as areias de Três Lagoas.

São Carlos nos fez noviços
E nas águas do Araguaia, dedicados clérigos
Ensinaram a aprender, servir sem mensura
Mesmo banhados pelo orvalho dasTrês Lagoas.

Tantos anos se foram.
Histórias, pontes, fontes, lugares,
Chuvas, temores, verões...

Veneráveis Mestres e irmãos exemplares perpetuam
- Irretocáveis Salesianos!

SOMOS RIOS

Permita ao rio
Que administre e cuide seu próprio curso.
É sua forma
Madura e clara de ser feliz.
Que se estenda ele
Com suas dobras cheias no sertão ou nas cidades
Com a escassez ou ingestão de seus monstros
Ou a fartura convertida em remoinhos, vertentes
E fortuna.

Observa o leito, as curvas, o caminho
Que as águas traçam advertindo a paisagem.
Águas esbravejantes com as várzeas,
Descompostas com as margens
Determinadas com as pedras que se impõem
Compondo com os braços
Gestos irretocáveis nas quedas ou planos.

Somos rios
De vontades enrustidas ou afloradas.
Deixe que as águas sigam.
O bom espírito não precisa ser tão sério
E sim gigante.

A LOUCURA

Acostumada à agulha, ela mesma nem mesmo mais nota
A costureira gincana cingindo a tela clara à onda
escura

Com a linha bandida que segue rota ao fim do dia
Alinhavando as barras da tarde junto à costa impura

Vai usar sempre, em festas e bailes esse seu traje longo
Enamorada verá a bela túnica e a calça nova em cores
vivas

Com pinças de sino ou apertada estética estritamente à
moda

Acendendo as decências que ocultamos com as nossas
dádivas

Plástica sombra que derrete os brutos e intumesce os
lábios

Que desejam beijos e ardem as brasas das nossas brisas
Deu-nos certezas de asas leves que flanam as luas
Enluaradas, pudicas, enevoadas, aveludadas, concisas

Convém supor assim que essa deusa má e de face torta
Endoidece o mundo, sacode o tempo, e jamais se
encerra

Com seus segredos malditos, amalucados, apodrecidos
Fazendo farra e ceifando avara por toda a terra

Na lógica amarga, quem não a vive, entretanto e não a
salva

Dos próprios elos nos fartos erros dessa ventura
Viver é certo, mas que importa se estamos presos ainda
que

Acorrentados, vivificando as diabrunas de uma loucura

NECESSÁRIO

É quando escurece que embarco
E meu barco solto de amarras
Segue sereno na valsa das ondas
Para o meio do imenso mar
Desaparecem os medos
Submergem as angústias
E esse oceano de silêncios
Abraça intenso meu dorso
Onde ninguém há comigo
Onde a água é o único nível
Onde encontro indelével
O incrível sentido de amar
Distante das terras, do continente
Longe dos meus propósitos
Ali deposito minhas preces
Despojo os sentidos e as vestes
Que rasgam, desgarram e modelam
A liberdade e o estado de estar

E quando amanheço volto
Retomo o rumo e prossigo
Equilibrando meu vulto
Prudente, necessário e digno

PRÉDICA DO APRENDIZ

Que a fé se fortaleça e convença os votos
Que prevaleça a esperança e alimente os sonhos
Que a entrega seja plena e a fraternidade se farte
Que o silêncio domine a língua e os atos
Que a oração sobreponha-se a todas as vontades
Que os exemplos complementem os ritos e mantras
Que a transparência da alma se encontre
Que a busca não deplore as próprias conquistas
Que as vitórias resultem da humildade
Que o regime não regule as rotinas
Que os exercícios excitem as experiências
Que os segredos não denigram a caridade
Que se refaça a insistência em persistir
Que exista a verdade conduzindo o espírito
Que reflitam os gestos em profunda alegria
Que os passos sejam certos e aos caminhos atentos
Que as palavras construam sólidos templos
Que os efetivos laços jamais se rompam
Que os braços dados elevem a honra
Que as mãos impostas realizem milagres
Que sempre o perdão conserte os destroços
Que se respeite a justiça e o mérito da ordem
Para que tudo valha por estar justo e perfeito

FAZ TEMPO

Sempre haverá prudência
Onde a determinação persistir
Pois produzimos espaços tão sequenciais
Incapazes de passarmos despercebidos da vida

Contar os segundos jamais irá retomar
Ainda que retardemos os passos e as horas
Conviver com o refluxo das auroras no ventre
protuberante
O griso leve ou intenso nos pelos rareados
O estresse que masca as gengivas violadas
O desalinho das vértebras desbastadas
A pele, os poros e os sujos porões das artérias
As retinas que desaparecem das imagens
A fala que se deixa deflorar por
Tudo que não se pode mais ouvir
Refizeram-se por si só

Não faz tempo, nem muito tempo por sinal
Que acampamos no retardar dos dias
Agora é o entremeio entre o ontem e o porvir
Caminhando mesmo a módicos e lerdos passos
Repletos de sabedoria, ainda que confundidos
Entre a subserviência e o servir
Das lições que pelas trilhas empreendemos
Retomadas da infância reavivada e
Entremeada de vorazes utopias

SERÁ POSSÍVEL?

Será possível explicar como se faz iludir com beijo
Contar como traír com perverso olhar
Driblar caminhos através de palavras
Sonegar silêncios sem conforto e apreço
Ensinar a ser rude, impuro, a ter álibis
Produzir desculpas insignificantes
Visíveis desmandos que desmantelam
Os mais nobres argumentos formais

Saber precisamente dessa impureza mordaz
Que ultrapassa os vis acintes
Onde pulula o apodrecido comportamento
A qualquer um tornar-se indigno
Profanar os dias com ócio cabal
Vociferar urros em busca da caça
Açoitar o tigre que em si esconde
Amordaçar e nutrir de tédio o ser

Depois converter as dores e lágrimas
Em doces pecados banais
Estigmatizados em assombrosas orgias
Ou na abrupta e sórdida loucura
Traçar o ódio sem rumo feito abutre
Desculpar-se da vida e do receio mesquinho
Degenerado, padecer à sombra do tédio
E por fim não se arrepender jamais?

DESCAMINHOS

Por uma noite inteira
Nenhuma estrela brilhou
Um acordo interestelar
Determinou o escuro absoluto
Naquele dia em que minha mãe morreu

Também a memória de meu pai
Perdeu-se quase que incongruente
Restando-lhe unicamente as básicas
Funções vitais do acordar, sorrir,
Alimentar-se, tocar viola, cantarolar
Mas sem consciência alguma em saber ou lembrar-se
Do dia em que minha mãe morreu

Conferindo os registros não há outros fatos
Naquele exato momento
Nem houve chuva diferente, nem vento absurdo
E as marés não exageraram
Apenas um meteoro absurdamente gigante
Raspou as beiras da casa
Separando convincente
Os caminhos dos meus pais

EGO

Percebi em minha rua
Garfo colher faca
E concha do mar pedindo asilo.
Noé foi dormir.
A arca estava com goteiras.
O boi ignorando os bichos
Bebia água em pé.
No quintal as rosas afogavam.
A pomba da paz absorta
Acessava o Uol e via Tv
Buscando notícias sobre o
Princípio consequências
E o possível fim do dilúvio.

Foi quando em tempo
Virei a mesa abandonei o barco
E resolvi mudar de mundo.

HÁ TORMENTA NO MAR

Falta água na pia
Lamento que assim seja

Nem Deus entente a peleja
Da escassez de realidade
Tamanho é a coragem

Nas entranhas desses dias
Quanta desigualdade há
Entre o farto e a anarquia
Se em mar há tanta água

Em terra imensa mágoa
Um mundo inteiro ausente
E eu fugindo adoidado
Dos insultos e manias
Poderia ser de outro nome

Ou mesmo em outra baía
Inclusive ser qualquer mínimo
Lavando a alma na pia
Caso ali houvesse água
Não houvesse tanta rima
Nos desmanches da poesia

Lamento que assim seja
Um mundo inteiro ausente
Nem Deus entende a peleja
Entre o farto e a anarquia
Tamanho é a coragem
Da escassez de realidade
Dos insultos e manias

LAVRADOR

Implanto na terra boa letras nuas
E dos sulcos úmidos da fértil roça
Surgem sílabas que o tempo, o sol e o orvalho
Transformam em árvores-palavras que viram versos
De onde colho doces poemas e poesias.
Sou lavrador de ideias e pensamentos
Astronauta, médico, romeiro, afiador
Das laminas que remexem as emoções,
Ânsias, paixões e os sonhos de quem me lê.
Cultivo estrofes como se faz amizade
Remexo as glebas com minhas saudades
Aro os solos no aguardo dos brotos
Das cantigas, lamúrias, lamentos e canções.

A fortuna que tudo isso me traz
Resulta dos abraços que a tua alma me dá
Dos risos quando tua face se encanta
Dos silêncios que teu vulto transborda
Dos teus gritos que me restam calar.

AGORA E NA HORA

Agora e na hora e às claras,
Os sóis alarmam cicatrizes
Que o breu da noite nivela
- Amantes degustam lares
Chacinas aos montes afloram
A sorte nos morros expõem subúrbios
Rimas vitimam e denodam cóleras
Que em nada diferem aos sofrimentos palatais
Dessa moldura de amores e caras

Agora e na hora da fome
Todos entretanto sobrepomos
Mordidos aos pés das mesas e nas carnes
Devoramos pesos e nos sentimos úteis e bons
Porque gozamos aos jorros
E copulamos necessidades racionais
Contínuas e macias como pétalas
Entre espinhos, betumes e cores

Em meio à miséria e à discórdia
Entendemos que o mundo
É apenas uma pausa ausente de casa
Agora e na hora da causa
Entre corredores e palhas
Agora colhendo flores
E na hora das bobagens acobertas
Rogamos aos misericordiosos deveres
Penitenciando-nos das imprevistas falas

Revigoram-se os desejos
Na hora e agora afinal
Exibimos a convenção das mazelas
Tudo é perfeito, inclusive as falhas

Das enormes e densas e espessas lacunas
Onde se enlevam as laureadas almas
Aos céus das desfeitas favelas
E nas quintas de nossas loucuras

O MURO

O muro que separa
A minha casa da sua
É o mesmo que resguarda
O meu leito da rua
Que por vezes aplaca
Nossas caras e bocas
Ou então em bordões
Interrompe as amarras
Da boa convivência.

Juro que somente desatrelo
A minha casa da sua
Por mera formalidade oficiosa
Pois nada mais nos alicerça
Aproxima e atenua
Senão nos encontrarmos
Pela doce fissura
Entre um lado e o outro
Dessa parede ardilosa
Inclusive nas horas
Em que as cozinhas misturam
Venenos e aromas.

Por isso
Nosso humano muro
Foi construído de argila
Mel, chouriço, apupo
E ar puro.

MATURIDADE

Habita em sons a perfeição da tua fala!
As tuas sílabas são raras dissonantes dessa melodia
Nas exatas ideias onde prolifera o que dizes
Repletas na partitura dos verbos em diversos semitons.
Transbordo quando ouço a tua alma eterna
Calma, vasta, às vezes até intensa e árdua
Tramar o que os olhos pedem e a boca implora que
entenda
Ainda que não contas as tuas impuras e nuas e ternas
vendas.

Continua, anda, sussurra, assovia, cantarola, entoa
Insinua loas, balbucia agora, à tarde ou logo mais
Lambe cada sílaba com tua língua profana
Antes de explodi-las em mínimas abismadas bolhas
Como fico eu ante as frases que propalas.

Proponho e permaneço a escutar-te
Pelo terço de anos desse rosário de dias
Inclusive nas contas de horas que adormeço
Hilário ou sereno, mas sempre humano
Traçando aventuras em sisudas aparas
Ou simplesmente arcando o que cumpres
No passar do inusitado tempo
Que arde e verde madura ou perde.

Idade, venero tua algazarra nesse turbilhão velado
Cumprindo a caminhada que me segue e assegura.

NÔMADE

Quando amanhece estático o meu pensamento
Permanece mansa a vontade em não ir
Afinal, novamente partir assegura
O retorno dessa aflição intensa que complemento
Relendo as rotas percorridas.
No entanto, como saber do mundo sem beber suas águas
Estancar a ânsia ignorando outras plagas
Recontar distâncias sem tê-las medido!
Vou agora, porque sou afeto a mudanças
Porque respondo aos meus modos
Consequentes ou falhos.
Um bravio retinente me zarpa as amarras
De nômade, peregrino, efusivo andejo.
Presumidamente solto, fujo algemado
Rumo a outro insequente nada.

HÁ NO MAR

Há no mar um rumo aberto entre a onda e a lua
Há na lua um amor tão casto onde atua a fase
Onde teu uso assa, onde minha asa flana
Em profana massa e o sal em aço flutua.
Aí pela água revolta ou calma
Um vento repassa o presente ameno
O contraste ermo, a ausência rasa
Na maré intensa pela alma vagamente encontrada.
Há no mar uma busca eterna entre pernas e arbítrios
Há marujos enxaguados purgando desejos
Nas penas lanças e roldanas, continuidade e volta
Entre uma área e outra nas complexas armadas.

Em alto mar está meu amor próprio
Consolando as gotas que evaporam
E se perdem mansas no curvilíneo horizonte.
Além dos meus braços fincados no mar
As minhas mãos solevam nuvens
Distribuindo-as feito filhas dadas ao mundo.

POR MEIAS PALAVRAS

Minto somente quando
A mente trava
E a verdade teimosa
Dilui-se na correnteza opaca
E vaidosa esperteza
Da minha hipocrisia.
Por vezes minto ainda
Quando desapercebo
Que o estado itinerante que tolera a mentira
Cochila a memória
E as informações descabidas
Distendem meu estado reticente, e falham.
Repudio, avilto, e não tenho por hábito
Nem prática mentir.
Mas repentina e aparentemente
Recordo ágeis e inverídicas falas
Que depõe às cegas certos momentos meus.

É quando de acordo acordo
Rebuscando todas as verdades desditas
Por meias palavras.

CARNAVAL

Aí vem Fevereiro, avivado, aceso, iluminado,
bagunceiro.

Vem Fevereiro trazendo trios e salões e escolas e
saltitantes cordões

Costurado de batuques e coloridas e engraçadas e
dissonantes rimas.

Fevereiro como tantos que já desfilaram por minhas
veias-avenidas.

Fevereiro como os que me casaram com as calçadas e
me cansaram os pés

Fevereiro como aqueles iludidos amores, suados e
desprovidos de fé.

Apenas menos dias dos trinta, desde que entendi as
semanas

Recheadas de estrofes e ensaiadas como se houvesse
trabalho em tê-las.

Ei, Fevereiro, estaciona tua língua avara nos verões de
toda a gente

Desse povo que exageradamente samba, santificados
pelo peso das plumas

Padecidos de promessas descumpridas, iludidos como
lhes enganam os santos

Que somente intercedem quando lhes desnudam a alma
e reiteram a vez.

De qualquer forma, desejo um Fevereiro robusto,
seguro, adulto e humano

Um, em particular a cada um, nem maior nem menos,
nem menor nem aumentado

Cabível dentro das consciências, encaixado nas
expectativas, definitivamente pronto.

Festivo. Festejado. Intensamente celebrado de folias,
onde existir alegria em dançar.

A MARRETA E O VERBO

A trava retrai e desemperra a tranca
Untada de maresia, verde azul de zinabre
Tosca idade que o formoso tempo tornou o aço impuro.
Ferrugens acumuladas intensificam o que ninguém
traduz
Nenhum pensamento tem força igual
Nenhuma vontade detém tal feitiço
Como tem as horas sucessivas sobre a vida.

Somente as palavras – estas sim, desemperram a trava
Destravam, destrancam, quebram se preciso for
Todos os elos por mais ignóbeis possam estar.
As minhas emoções se arrebentam no costão de pedra
Emparedado, feito de frases compreensíveis
Apenas por aqueles que não ouvem ou desconhecem
Os caminhos entre a marreta e o verbo.

A HORA APROPRIADA

Talvez não seja ainda a hora apropriada
Aquele inteiramente consumida entre escolhas
- Vou, não vou; peço ou não laço; amasso ou abraço

Compreenda, não busco desestímulo
Tão somente atribuo aos nossos dias
O momento exato ao necessário.

Há quem implore a calma que decide
Se por um olho não vejo, enxergo com a alma
Continuo ainda que a passos lerdos indo
Rumo ao decidido augusto segundo
- Mero item da precisa hora
Feita de longa e eterna espera,
Desde que partimos.

EXERCITANDO

Exercito os dedos nas cordas do violão
Exercito os olhos omitindo a luz em profunda cegueira
Exercito a alma apiedando-me misericordiante dos meus
próprios erros
Exercito os dentes mordiscando as linhas estiradas na
folha branca de papel
Exercito as pernas caminhando trôpego, bêbado,
irreconhecível
Exercito a fala quando calo e consinto com o que você
diz

Ponho a paciência em exercício
Coloco frente a frente o pecado e o perdão em exercício
Admito o glamour e me estraçalho a bel prazer em
exercício
Componho os meus versos amargos em exercício
Deixo meu dedo em riste rumo ao seu nariz em
exercício

Exercito a verdade
Exercito a fome
Exercito o coração
Exercito a oração
Exercito a ação

Dou a boa fé em exercício
Exercito quando abraço a causa
Luto apenas por exercício
Executo as leis do exercício
É bom morrer assim, exercitando

VOLTA

Volta e me conta porque tão de repente fostes
Diz o motivo da tua ida aparentemente sem nexo
Retorna como quem chega e nem pensa de novo em ir
Não direi palavra alguma, apenas hei de escutar-te
Silaba a silaba que proferirdes enfim

Não será regresso porem simples vinda
Volta como vem o sol na profusão dos dias
Chega feito primavera endoidecida de cores
Obliqua, pavimentada, outra vez presente
Sem querer ser intensa, eterna apareça

Vem reviver, reencontre, acalante desinibida
Pisa o assoalho ignóbil da existência
Entenda apenas que voltas por isso aguardo-te
Robusta de historias, carregada de sonhos
Para juntos irmos a lugar algum um dia

UM TREM

Um interminável trem desfila na passarela de aço
Suas negras e afiadas roldanas de prata.
Umam cantam, outras gargalham adoidadas
Criando turbilhão, fazendo veloz algazarra
Na preguiça ensolarada do meio dia.

Há vento e poeira, além do escandaloso sol
E o peso do mundo sobre os dormentes da linha férrea.
Dentro da dezena de vagões, homens e malas,
Desejo de retorno, choro da partida, cumplicidade.
Também há mantimentos e nos últimos lances
Uma pequena manada presa em paralelo e com sede.

À frente, solitário, debaixo de um quepe amarelo
E por traz da suada gravata, o maquinista percebe
A distância emendar os trilhos que flanam feito folhas
De alçaço, estiradas na luz absoluta e crua.

Enquanto esperneia incontinente pela estrada,
Apita e acena quando percebe a moça recostada na
soleira
Tomando água, distraída, vendo um trem passar na
frente da casa
No meio do mato, preso entre o encanto e a serra.

TERNURA

O poro abre
Eriça o pelo
Espreme o suor
A pele
Como se em gozo,
Insana, explodisse
Pelos raros pelos

Úmida alma
Na penugem enovela
Em dose única!

Unem-se os polos,
O sonho aquece
Sob a língua, passeia
E o desejo abraça
O cheiro exala
Abrasa a calma
A mama espuma
Onde o anjo esbanja

É esta a prece
Da terra quando seca
Sua chuva veste
E a ternura fala!

NÔMADE

Quando amanhece estático o meu pensamento
Permanece mansa a vontade em não ir
Afinal, novamente partir assegura
O retorno dessa aflição intensa que complemento
Relendo as rotas percorridas.

No entanto, como saber do mundo sem beber suas águas
Estancar a ânsia ignorando outras plagas
Recontar distâncias sem tê-las medido!

Vou agora, porque sou afeto a mudanças
Porque respondo aos meus modos
Consequentes ou falhos.
Um bravio renitente me zarpa as amarras
De nômade, peregrino, efusivo andejo.

Presumidamente solto, fujo algemado
Rumo a outro inconsequente nada.

CRÔNICAS ABERTAS

Nossos caminhos são crônicas abertas
Em formato de prosa e poemas
Narrativas lúdicas dos momentos diários
Entre o ir e vir e as esperas
Um jogo de abraços e dilemas
Leque de encantos e encontros
Folhas de jornais de ontem nem lidas
Textos que reescrevemos com o advir das horas
Verdades retiradas dos parágrafos
Que ainda esperam notícias
Mas que declinamos decoradas
Sem necessidade de pautas

E todos os espaços entre as palavras
E todas as pausas entre as linhas
E todos os pontos concatenando ideias
E as vírgulas que dobramos seguidas
Locupletam-se na formosura das laudas
Redigidas por tuas mãos e as minhas

CARISMA

O carisma com que tratas os teus dilemas
Evidencia o que persegues
Exibe o que inseres
E pontua tuas robustas referências.

Por preferência escolhe dentre as facetas
Aquilo que enceta teus rumos
Apruma e repagina tuas buscas
Reafirma teus mundos
Determina os investimentos
Dentro e fora dos teus sonhos
Em tudo o que acreditas.

Assim procedo
Com o que me condena
Ou indulta.

SE

Se a hora agora já dobra
O sino do meio dia

Se a meia noite desdobra
Deita-te, repousa, desposa

Todo o ocidente recobra-se
Entre a coluna e o oriente
Repõe-se a energia

Então a acácia desperta
O ideal refloresce
O mal se envergonha e morre
E a fraternidade sobrepõe-se
Porque se refaz e renasce
Onde o amor prevalece

UTOPIA

Passamos a infância entre a cozinha e o quintal

Lá fora cortávamos os cabelos das bonecas de milho
À beira do fogo assávamos as espigas e nos fartávamos
de pão

Nas árvores balançávamos nas sujas cordas dos galhos
pendulares
À mesa saciávamos as vontades no ato propício da
mastigação

Pelo terreiro corríamos arvorados comungando entre a
sombra e o sol
Sob o teto santificávamos com leite puro e chocolate as
hóstias de polvilho

Do pátio partíamos desmedidos atrás da arrelia dos
similares castelos vizinhos
Sentados disfarçávamos os olhares da mãe das unhas
pretas de terra dos dedos das mãos

Após a porta, serelepes voávamos pelo horário infinito e
as constelações
Entre as paredes aquecíamos das esbranquiçadas geadas
das friorentas manhãs

Estudávamos nas cartilhas dos portais
Mapeávamos geopoliticamente as trilhas das lagartas
Retapávamos os buracos dos formigueiros
Desviávamos das valas os tenros filetes dos ribeirões
Varríamos dos caminhos as folhas soltas no chão
Distribuíamos as migalhas aos bichos que especulavam
pomares e jardins

Cobríamos com penas as leves perebas e arranhões
E dávamos conta das contas dos rosários que a rotina
nos permitia rezar

Ainda hoje plantamos utopia
E repartimos os brinquedos de fazer bem
Com tudo o mais que há, houvera e sentimentalmente
havia
Porque aprendemos e continuamos a prender
Viajar e conviver entre o quintal e a cozinha
Da casa repleta de construções de silêncio e algazaras
Enquanto os sonhos de infância por complacência
permitirem

MUDE

Troque de roupa quando o desejo mandar
Por estar demasiadamente justa ou largada
Limpa ou suada
E tua carne pedir outra pele
E teu apelo querer outro pano
Ou se porventura na casa falte um botão
Ou enguice o fecho
Ou rasgue a gola
Ou enjoe a cor
Ou não caiba o tamanho
Da dobra da barra
Do frio ou calor
Comprida ou curta
O tecido incomoda
Está fora de moda
Por algum motivo não satisfaz
Põe pra lavar, mude, doe, cose, cirze, remende
Passe, alise, desamarrote, customize

Quando teu desejo pedir
Quando tua vontade mandar
Sempre há motivo e lugar
Aguardando uma nova atitude
Mude

EQUALIZANDO

Penso agora sobre a análise dos números
Em tudo o que com eles incide e procede
Nas propriedades que as equações detém

Entre a esquerda e a direita dos zeros
Como se comportam, se nos importunam
Ou o quanto importam em cada ser

E nos cálculos e resultados impactantes
Das planilhas elaboradas com a meticulosidade
Que a matemática, a lógica e a genialidade pontuam

Entre sensíveis prognósticos e reflexos
Impares sobre a materialidade constante
Nos modelos distintos das exceções semelhantes

Nos pontos percentuais que resultam das oscilações
O quanto tudo é tão abominavelmente efêmero
Indizível e ao mesmo tempo sociável nas fórmulas
infinitas

Quando a ilusão diz ter, mas na verdade não se possui
Dissociando as exatas ideias e o ideário das frações
Arquitetadas nas pranchetas do que do imaginário flui

Pensando nisso, tudo é muito tenso e intenso
Deixe-me quieto com minhas elucubrações
Enquanto degusto equalizando a textura de um doce

A VISÃO DO FAROL

Eu ando pela praia escolhendo historias
Como escolhe a onda quem deseja surfar
Entre areia e espumas recolho conchas
Seleciono pérolas, poemas do mar

Da enseada de saudades cato lembranças
Separo algas das lagrimas das pedras
É do sal das frias e insensatas marolas
Revivo os relatos de heroicas esquadras

Quem anda comigo enfim não ancora
Se preciso nada, segue com afinco
O traçado espelhado do céu e do sol

Assim incitando o amanhã de mãos dadas
Renovamos o tempo, cientes que a estrada
É a mesma, o que turva é a visão do farol

Contatos com o Autor:
paulosergio.rosseto@gmail.com
www.facebook.com/paulosergio.rosseto.5
@psrosseto



Paulo Sérgio Rosseto

É Poeta e Administrador de Empresas. Nasceu em Guaraçai, SP, em 11/04/1960. Morou em Três Lagoas/MS entre 1967 e 1986. Mora em Porto Seguro desde 1987. Em Três Lagoas estampou seus poemas por longos anos nas páginas do Jornal do Povo, tendo publicado em 1982 o Livro O SOL DA DOR DA TERRA; em 1984 O Livro MEMORINHA - POEMAS INFANTIS e em 1985 o Livro ATO DE POEMA E UMA CANÇÃO. Estudou na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Em 1966 seu primeiro poema (MEU CACHORRINHO) foi publicado no Jornal da Cidade (Folha de Guaraçai), destaque de um concurso de escritores mirins promovido pela escola local que frequentava.

Todo poema é preciso.
Cada verso, um desafio.
Assim a arte, a vida, o
cotidiano de todos.

Saber captar esses
pequenos insights transcende
harmonicamente a busca da
felicidade, o prazeroso gesto
de tocar a alma através da
poesia.

Os delicados textos do
poeta Paulo Sérgio Rosseto
revelam e trazem essa
realidade recoberta de
preciosa filosofia.

Aprendemos todos,
porque as palavras fluem
sorradeiras sobre as
emoções, como uma leve
canção esperada porém
perturbadora, capaz de
revelar o humano de cada
um.

Recita-se cada poema de
Rosseto da mesma forma que
se abraça a mais significativa
expressão de felicidade e
amor à Vida.

Um inigualável
experimento. Experimente!

SE

Se a hora agora já dobra
O sino do meio dia
Se a meia noite desdobra
Deita-te, repousa, desposa
Todo o ocidente recobra-se
Entre a coluna e o oriente
Repõe-se a energia
Então a acácia desperta
O ideal refloresce
O mal se envergonha e morre
E a fraternidade sobrepõe-se
Porque se refaz e renasce
Onde o amor prevalece

CRÔNICAS ABERTAS - Poemas - são
POEMAS inéditos escritos entre 2017 e 2018 pelo
poeta PAULO SÉRGIO ROSSETO. Trazem à tona o
cotidiano de todos nós, expressando as verdades
que buscamos através dos gestos mais simples e a
filosofia de vida que se tem como meta.

Poesia pura cuja narrativa transcende o
singelo tempo de todos nós.

Categorias: Poesias, Literatura Nacional

ISBN 978-85-06664-6-8



9 788590 660408